Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

REALISMO

Temperamento romantico, alma scismarenta, o joven Armando vivia a incensar e endeusar as mulheres, certo de que ellas só não perdoam no homem a franqueza... E, assim, via escoarem-se os dias, sempre alegres e felizes, com um doce sorriso para a vida.

Jámais procurara estudar a alma feminina, convencido estava de que a psychologia é uma sciencia nascida da observação para estudar o homem, fugindo a mulher á sua seára... Havia até delineado e systematisado adaptavel ao seu Eu uma philosophia da vida, da qual se não afastava por principio. Gerara-se mesmo em seu espirito a idéa de que a mulher é um eterno illogismo...

Dest'arte, descria de todas, o que, porém, não o impedia de desejal-as, querel-as, esquecendo-as depois com tal facilidade que, não raro, se surprehendia! Umas iam cedendo logar a outras num dynamismo estonteante!... De poucas ficava, por espaço breve, uma lembrança qualquer. Um beijo mais ardente, um olhar mais penetrante, um bilhete cheio de juras, uma confissão de amor...

O cerebro de Armando era, a espaços, uma téla cinematographica onde passavam rapidamente silhuetas de mulheres um dia amadas!

Risonho, de uma alegria communicativa, intelligente e culto, este o seu perfil psychologico.

Nas rodas mundanas era, muita vez, assediado, tal a convicção com que sempre, em estylo subtil, sustentava uma theoria ou contestava uma opinião alheia. Certa vez, entre bohemios, affirmára, categoricamente, com ar dogmatico, ao ser interpellado sobre o casamento: "eu não sou contrario, por principio, ao matrimonio; bem o comprehendo quando por amor. Difficil, porém, que este exista, por isso que presuppõe o sacrificio e o perdão.

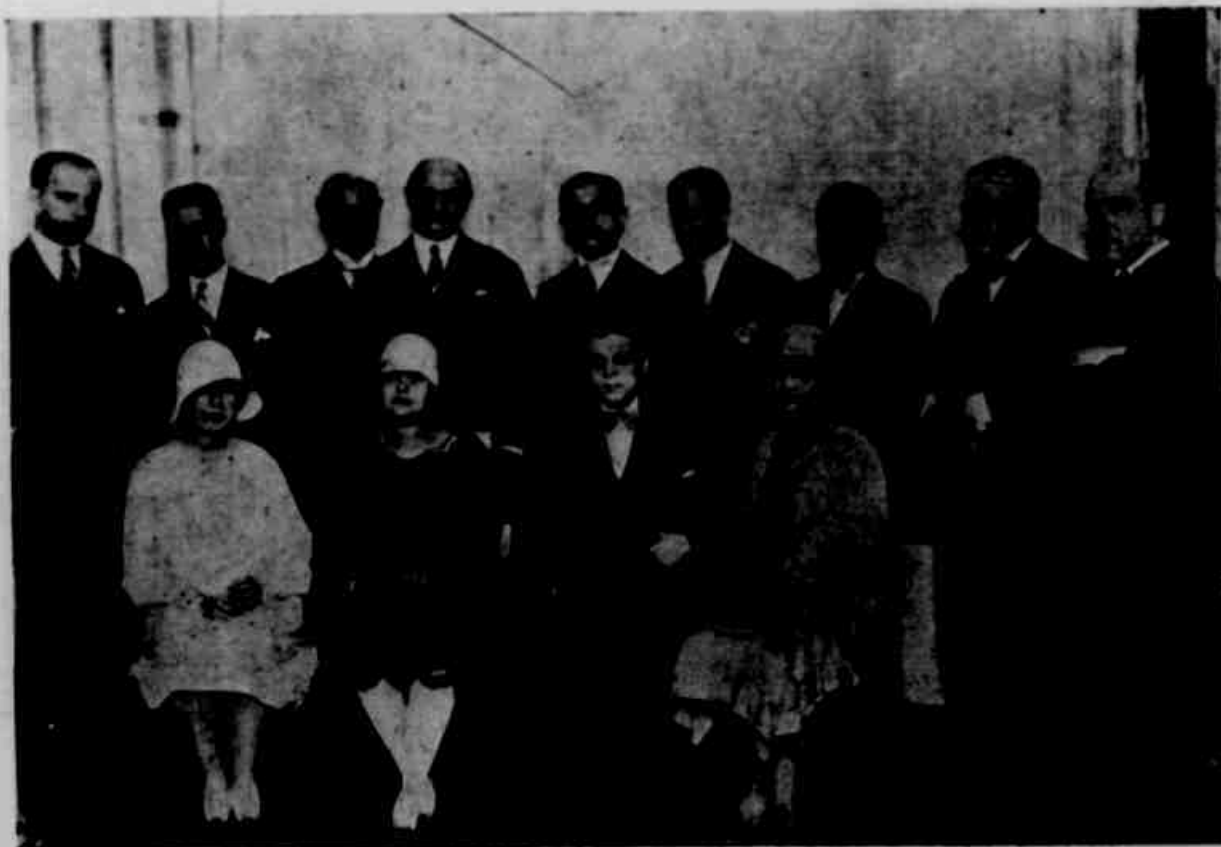
Nestes está, sem duvida, a essencia do amor. E as mulheres de hoje não se sacrificam e não sabem perdoar"...

E ahi ficara, perfeitamente estabelecida a sua feição amorosa...

Deante de Armando surgira uma joven de perfil meigo e olhar dolente...

Comprehendendo o perigo para logo resolveu afastar-se, fugindo á força magnetica que o attrahia áquella creatura de alma emocional e vibratil.

Viajou, correu cidades desconhecidas, mas sempre e sempre com a lembrança voltada para aquella que, um dia, se apresentara ao seu olhar extasiado! Recordava-se, até então habituado a esquecer, da casualidade do primeiro encontro, do primeiro sorriso furtivamente esboçado... E, em sua memoria, se fixara, com a nitidez da realidade, a fórma harmonioza daquelle corpo de estatua grega, na exhuberancia sadia de sua mocidade.

Armando tremera, como se receiasse a attracção do abysmo... Parecia abalados os seus principios philosophicos... Fugira á tentação, bem que soubesse que a vida é um conjuncto de phenomenos e factos em cuja sequencia ou solução não influe a vontade humana. Procurava afastar do caminho quem tão subtilmente se ia insinuando em seu espirito. E' que elle bem sabia que toda mulher

"PARA TODOS..." NA BAHIA — Grupo feito no Hotel Meridional após o jantar offerecido pelo casal Julio Correia ao joven pianista Augusto Monteiro de Souza, que passou em transito para Paris.

tem em si um pouco do céo e um pouco do inferno... Bem comprehendia que o casamento é tumulo ou é resurreição, e a vida conjugal começa sempre por um beijo e termina, não raro, por uma tragedia productora de lagrimas. Receiava ter que se curvar, afinal, á força inexoravel do Destino...

Temia ficar preso e dominado pela suggestão imperiosa daquelle olhar enigmatico, amedrontava-se em se deixar vencer por aquelle corpo de belleza pagã... Assim, o joven lutava, buscando em si forças que o tirassem daquelle labyrintho em que o acaso, sarcasticamente, o lançára. Procurava dominar pela reflexão e pela logica, pelo cerebro esclarecido, o coração apaixonado! Elle como que sentia a approximação da desgraça...

O tempo corria e a mais e mais se arraigava no coração dos jovens o sentimento que Armando quizera vencer com ponderação e calma.

A mocidade de ambos sorria dos esforços embalde empregados, num expressivo desafio á razão!

Os effluvios emanados daquellas almas, irmanadas nas mesmas idéas, despertaram, finalmente, de modo irreprimivel, um sentimento até então desconhecido de Armando...

Amaram-se fanaticamente... Em verdade quem ama vulgarisa-se...

E os idyllios entre ambos seguiram as normas conhecidas, carentes todas de originalidade..

Mezes depois uniam-se por todo o sempre pela lei divina e pela lei dos homens, cônscios daquelle immorredouro sentimento,

Heribaldo Rebello

ligados, assim, por laços inquebrantaveis...

Conheceram a felicidade em todas as suas modalidades, sentiram em sua plenitude o desejo de viver, esquecendo-se, porém, que o beijo é hostia ou é veneno e, uma vez dado, nasce um romance ou surge uma tragedia...

No recesso do lar respirava-se uma atmosphera de pureza e o exemplo sahido deste ambiente sagrado envolvia os esposos, cercando-os do respeito e admiração de todos.

A felicidade, de duração ephemera, fugia aos poucos. O sonho de poeta transformou-se em terrivel realidade... E o Destino que uma vez os approximou, agora os afasta, invejoso de tanta ventura... E numa tarde fria de inverno, em que céo e terra se harmonizavam numa envolvente nostalgia, a companheira dos seus dias felizes deserta do lar, deixando Armando entregue aos seus scismares...

Espirito forte se não abate, convencendo-se, assim, de que nossos erros são as melhores lições que recebemos.

Volvidos annos, refeito do rude golpe, é de vel-o, qual um psychologo, a deixar em rapidas linhas, impressões da vida, na auscultação constante do coração humano. E' que elle se convencera de que os bons livros são escriptos no soffrimento, são livros vividos. De feito, ninguem escreve bem na alegria ou na felicidade.

E' a dôr a força motora das grandes obras.

E o soffrimento eleva ou mata, faz um sabio ou um suicida...

Armando vencera, e vencer é firmar a personalidade. Era um forte, resistira heroicamente.

. . . .

Imerso em profundo scepticismo vive a observar os factos com a preoccupação do analysta, procurando penetrar, com indisivel curiosidade, nos menores meandros da alma humana, insulado, assim, na sua grande dôr.

Colonia Mineira - Paraná — Nadir Infante Vieira, Madame Plinio Coberg e Edith Schuer.

Caratinga - Minas — O senhor Leonel Fontoura de Oliveira, nosso agente nessa localidade, acompanhado de sua senhora dona Maria Muniz de Araujo Fontoura e seu filhinho Assuero, de 18 mezes de idade. O senhor Leonel Fontoura é tambem nosso confrade d'"O Municipio", que se edita semanalmente nessa localidade.

A CONVENÇÃO SEMESTRAL DA CASA PRATT

A assistencia, na Associação dos Empregados no Commercio, da Convenção de Organização Carioca da Casa Pratt, S. A., que se realiza semestralmente para apresentar ao publico o grão de adeantamento de sua iniciativa no Brasil e que, creada em 1907 nesta capital, já conta com 16 filiaes em todo o paiz.

A mesa que dirigiu os trabalhos da Convenção, presidida pelo ministro Cardoso Ribeiro, e na qual tomaram parte ainda os Srs. Dacidio Pereira, Mario Bello, H. F. Ribeiro, Frederico Lima, Eduardo Dale e Mattos Pimenta.

UNHAS ARISTOCRATICAS

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.
Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

RAMONA (Itatinga) — Letra um tanto indecisa caracter tambem em formação, timido, acanhado, ingenuo, hesitante; nota-se, porém, alguma bondade natural, pouco amor á verdade, talvez com receio de offender, ou mesmo melindrar susceptibilidades. Espirito maleavel, accommodaticio.
Aqui para nós: não teve medo desse pseudonymo ? Dizem que dá azar... Livra !
Quanto á ingenua pergunta que faz a respeito de "em que numero do "Para todos..." sahirá seu estudo graphologico", respondo-lhe que no numero de hoje... dia em que, por ventura, o lêr.

CIDADÃO (Jundiahy) — Letra meúda, signal de mesquinharia, sovinice, espirito minucioso, talvez myopia. Podia usar o pseudonymo de "Cidadã", pois seu caracter de letra é todo feminino. Aposto que o Cidadão tem bastante habilidade manual para "prendas" de menina bem educada, sabendo fazer "crochet", bordados a missangas, flores de papel e de polvilho, sem falar nas tendencias culinarias para fazer doces, pasteis, cremes, pudins e outras gulodices. Junte-se a isto bondade, doçura, carinho, indulencia, talvez mesmo um pouco de preguiça que sua letra redondinha denuncia...

FRAN-PA-LIN (São Paulo) — Actividade, cultura, precipitação, ardor, enthusiasmo, alliados a uma viva imaginação alegria, agitação constante, loquacidade, é o que se nota na sua letra rapida e movimentada, á primeira vista. Ha tambem dedução logica psychismo, grande poder de assimilação e sequencia nas idéas, o que se deduz das palavras escriptas de um jacto sem erguer a penna do papel.

GEORGE SAND (?) — Apezar do pseudonymo sua letra revela pouca cultura intellectual, dissimulação, desconfiança, contensão de espirito. A maneira de graphar as letras g e q da mesma fórma e com traços sinistrogyros é signal de egoismo, dureza de coração, insensibilidade o que, em parte é contradictado pelo arredondado de certas letras. Tendencias boas desviadas talvez por um máo instincto atavico. Amor ao luxo, ao confortavel, ás viagens, um pouco de teimosia, vaidade, coquetteria um tanto infantil.

ELYSA (Petropolis) — Imaginação fertil, grandes aspirações, orgulho generosidade, ausencia completa do senso da medida prodigalidade.
Força de vontade, enthusiasmo, alegria de viver, coragem, esperança, franqueza nas resoluções, espirito um tanto critico e mordaz e pronunciado prazer pela vingança, marcando bem quem um dia a molestou para tirar a desforra, seja quando e como fôr

DUQUEZA DE GOYA (?) — Espirito fino, delicado, susceptivel, pessimista, melindrando-se por pouco, julgando-se incomprehendida e soffrendo, por isso, desillusões que a desanimam.
Altas aspirações, fantasia creadora e fertil, construindo castellos de areia, ou melhor: de fumaça que se esvaem ao sopro da mais leve aragem. Nervosismo impaciencia, preoccupação constante, o que a faz distrahida e scismadora. Uma poetisa romantica, a 1830.

JUDIA (Icarahy) — O mais breve possivel que pediu só poude ser hoje, porque havia outras muitas que chegaram antes. Não pense que foi "judiaria" minha, como agora os arabes estão fazendo com os israelitas na Palestina.
Sua letra muito unida, tomando todo o papel de lado a lado e quasi sem entrelinhas, dá a impressão de parcimonia, avareza, egoismo, reserva, talvez timidez. Algumas letras um tanto angulosas dão idéa de aggressividade, firmeza, energia, força de vontade, o que os traços quasi verticaes confirmam. Gosta de viajar e de passar bem, comtanto que não gaste seu dinheirinho...

JUPITER (Rio) — Vê-se na sua letra: orgulho, presumpção, vaidade, glutoneria e forte sensualismo nos traços fortes, cheios, carregados da sua graphia. O corte dos tt revela espirito sarcastico, ferino e na sua assignatura sublinhada por um traço terminando em fórma de lança ou gladio, que até furou o papel está todo um poema de abuso de força, espirito de vingança, dureza de alma, um ferrabraz, emfim. Como lhe assentou bem o pseudonymo!

DOLY (Caxias - Rio Grande do Sul) — Letra fina, movimentada, signal de delicadeza, sensibilidade, fraqueza, actividade, imaginação ardente alegria, agitação continua, loquacidade, alegria.
Embora a graphologia nada tenha de commum com os horoscopos, aqui vae, a seu pedido, a "sina" dos nascidos a 3 de Dezembro: "Serão francos, energicos, leaes, alegres, e tão trabalhodores que lhes faz mal ver a preguiça ou inactividade alheias.
Gosarão de boa saúde, porém sempre atacados dos nervos, acabarão neurasthenicos, esgotados pela grande energia nervosa que sua actividade os obriga a despender.
Amigos das viagens, morrerão longe da patria.
Serão amigos fieis e dedicados. Estão sob as influencias de Jupiter, que os faz energicos e progressistas e de Marte, que lhes dá caracter impetuoso, aguerrido, combativo, rixento".

GRAPHOLOGO

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR
AOS ESTRANGEIROS

PERFUMARIAS LOPES
RIO-S. PAULO

Á VENDA
EM TODO
O BRAZIL

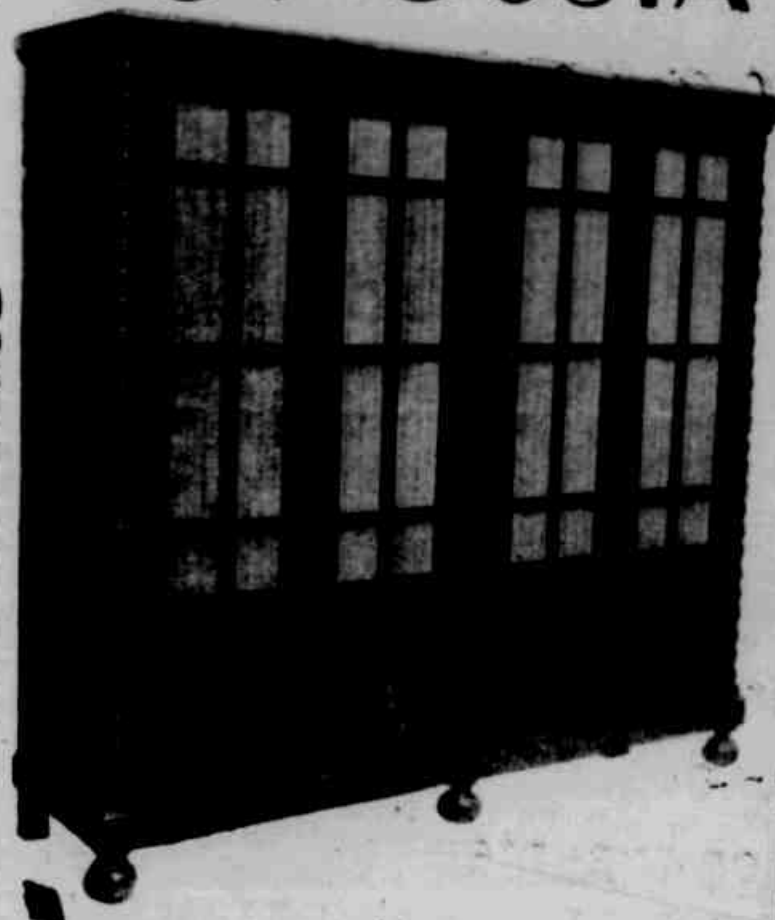
Fabricação especial de A. F. COSTA

Escriptorio Colonial

3 Importantes peças, sendo o seu fabrico especial, e confeccionadas em "Imbuya", madeira escolhida e secca e sendo o seu acabamento superior

1 *Bureau* c/ tampo de crystal c/ 1,50 x 0,80 .... Rs 800$000
1 *Estante* com as dimensões:— Frente: — 1,65, altura: — 1,60 e fundos: — 0,40 .... Rs 800$000
1 *Cadeira* c/ espaldar alto e estufada .... Rs 200$000

1 800$000

A. F. COSTA
RUA DOS ANDRADAS, 27
RIO DE JANEIRO

Para todos...

O Perfume de Uriage-les-Bains

DE

Ribeiro Couto

OH, este cheiro de acacias, na Grande Allée de Uriage-les-Bains! A Grande Allée é a unica rua de Uriage. Não é rua, é a propria estrada dos Alpes que vem de Grenoble e continúa na direcção de Vizille.

Entre montanhas, Uriage é um parque — um pequeno parque de villinos, de hoteis de luxo, de restaurantes ao ar livre, de campos de sport. Tudo tão no meio de arvores que a sensação é de que as casas foram feitas para desmanchar a monotonia do verde.

E o cheiro de acacias... E as manchas vermelhas dos guarda-sóes enormes, nos jardins, cobrindo silhuetas de mulheres... E rapazes sorridentes conversando calmos, com uma raqueta de tennis na mão, o peito aberto surgindo das camisas de verão...

O ar fino que desce das montanhas filtra-se entre as ramagens. Pousa no rosto como um beijo. E' doce ficar assim, entre raios de sol, como um elemento inanimado da paisagem, sem pensar nada, sem querer nada, muito menos um flirt com esta ingleza que passa, esgalga, de movimentos duros: apparelho de articulações mechanicas treinando para um campeonato de marcha. Leva em baixo do braço uma brochura azul, provavelmente um romance de aventuras navaes.

Uriage-les-Bains. Sempre este "les-Bains" em quasi todas as estações de aguas. Como um denominador commum. De modo que, antes de conhecer, imagina-se que são todas iguaes: Evian-les-Bains, Aix-les-Bains, Vals-les-Bains, Saint Gervais-les-Bains, Brides-les-Bains... Prefiro o antigo nome de Uriage: Saint Martin d'Uriage. O rio que corta este burgo tem um nome delicioso: Sonnant. Nem é rio, é um corrego. A's vezes a corrente passa debaixo de um macisso de arvores. De lá de baixo vem um rumorzinho de aguas encachoeiradas, de brincadeira de espumas nas pedras. Estarão nymphas se divertindo?

Vista parcial de Uriage-les-Bains (Isère, França)

O castello de Saint Ferriol, do seculo XIII

Em cima, na montanha, o castello de Saint Ferriol, com os telhados pontudos coroando as torres cylindricas, toma conta severamente da paisagem. Como uma pessoa sombria vigiando crianças: os villinos claros, os palacios modernos dos hoteis, os jardins cheios de conversas amaveis, os parques onde correm meninas. Desde o seculo XIII que está ali, olhando ao longe, para os lados do sul, o valle Vaulnaveys e as collinas de Vizille.

Os proprietarios do castello são os Condes de Saint Ferriol, que durante alguns mezes do anno ali vêm bocejar entre tapeçarias antigas, antigos quadros, antigas faianças, enquanto esperam que se abra a estação da caça.

Desço a Grande Allée. Junto á estação do caminho de ferro ha qualquer cousa de mais espaçoso, um desafogo do terreno tentando ser uma praça. Leio numa taboleta: "Agencia do correio". Muito bem, um postal para um amigo pertencente ao Instituto Historico. A Historia saberá que estive em Uriage. E' só o tempo de escrever: "Nunca aspirei tão voluptuosamente o perfume das acacias". Elle dirá: "Que é que tenho com isso".

Nesta praça, exactamente porque os Estabelecimentos Thermaes estão em minha frente — edificio longo, acaçapado, cercado de pavilhões, *Douches pour Dames, Douches pour Messieurs"* — percebo, um pouco tarde, que não tenho nada que fazer em Uriage. Não preciso de aguas sulphurosas. Não soffro de limphatismo, nem de escrofuloses, nem de affecções da pelle. Do que eu soffro, neste instante, respirando este perfume entre os arvoredos que tufam de verde a Grande Allée e escondem as fachadas, é de saudade. Saudade de Petropolis, sim, Petropolis no caminho da Cascatinha. Tal qual, menos o castello. Porém o castello não tem importancia: parece de papelão, esquecido em cima do morro por um menino rico. Que cantiga é esta? Ah, é Petropolis, porque nem mesmo as cigarras faltam agora. Ao sol vivo do meio dia, ellas despertaram na folhagem quente.

"Cigarra, levo a ouvir-te o [dia inteiro,
Gosto da tua tremula cantiga,
Mas vou dar-te um conselho, rapariga..."

Cigarras de Uriage! Montanhas de Uriage! Parques cheios de sombra! Alamedas onde é grato arrastar os passos, indolentemente, sonhando cousas vagas e agradaveis! Falta apenas, para a minha felicidade perfeita, o fio invisivel que ligue o meu coração a coração da terra, o possessivo que eu não posso murmurar, porque esta terra não é minha, este perfume não é de acacias brasileiras, estas cigarras não comprehenderiam, si eu os dissesse em voz alta, os versos de Olegario Marianno...

PARA TODOS ENTRE

Chegando para o trabalho

Uma Organisação Perfeita

QUEM nunca viu de perto o interior de uma estação telephonica não faz uma idéa do que seja aquillo.

E' uma verdadeira colmeia de graciosas e diligentes abelhas. Trabalham dia e noite, revesando-se em turmas.

Ha muito que "Para todos" desejava offerecer aos seus leitores umas notas illustradas da vida dessas mocinhas, cuja voz amavel nos é tão conhecida quando perguntam delicadamente:

— "Numero, faz favor"?

Depois do grande incendio do Theatro Carlos Gomes, ameaçando a "Estação Central" dos telephones que lhe fica visinha, não demoramos mais a visita.

Durante aquelle incendio as telephonistas deram tão alto exemplo do cumprimento do dever, conservando-se, corajosamente, nos seus postos, que foi bem merecida a estrondosa salva de palmas com que as recebeu o povo, quando ellas, por fim sahiram, em perfeita ordem, por intimação do commando dos bombeiros.

Nossa visita teve as maiores facilidades, graças á gentileza com que nos receberam os Srs. Castanheira, Brandão, Reis, Duncan e Schmidt, chefes e superintendentes dos diversos serviços telephonicos.

Como admirassemos as grandes installações dos novos apparelhos automaticos, disse-nos o Sr. Brandão:

— Muitas pessoas pensam que o serviço automatico virá deixar sem trabalho as moças telephonistas quando tal cousa não succederá, e a esse respeito a Companhia já expediu mais de uma circular tranquillizando as principaes interessadas.

Estavamos na ampla sala das ligações e perto da mesa do serviço de informações, que é hoje um dos mais completos e intelligentemente feitos.

Com a maior rapidez, urbanidade e paciencia, as attenciosas informadoras

ESCOLA DE TELEPHONISTAS VENDO SE SENTADA A' DIREITA A DIRECTORA Mme. REIS.

MESA DE INFORMAÇÕES

AO CENTRO AS ESCRIPTURARIAS FAZENDO AS ALTERAÇÕES NA LISTA DO ASSIGNANTES. A' ESQUERDA UMA PARTE DA MESA DE INFORMAÇÕES.

AS TELEPHONISTAS

Os Novos Telephones Automaticos

respondiam aos pedidos, muitas vezes vagos, que lhes eram feitos.

— Quando tencionam inaugurar o serviço automatico?

— Em Janeiro devemos inaugurar a primeira estação comprehendendo a parte central da cidade; e como estamos ampliando nosso serviço, não dispensaremos as telephonistas, como em S. Paulo não foram dispensadas.

Os novos apparelhos terão um disco onde os assignantes "discarão" o numero com que desejam fazer a ligação.

E esta ligação é immediatamente estabelecida por meio dos selectores e connectores da estação automatica.

Não longe da mesa de ligações estava a Escola onde as neophitas fazem seu aprendizado theorico e pratico sob a direcção de Mme. Reis e algumas senhoras suas auxiliares.

Ao lado do vestiario vê-se o gabinete de "toilette" com tres altos espelhos deante dos quaes as mais "melindrosas" (e são quasi todas) dão um retoque no "rouge" dos labios, passam a "boneca" do pó de arroz nas carinhas de bonecas e ageitam o chapéosinho antes de sahir.

A Companhia procura cercar suas jovens funccionarias de todas as commodidades. Não quer que andem á noite pelas ruas. Para evitar isso tem um espaçoso dormitorio onde repousam as que fazem pernoite na estação.

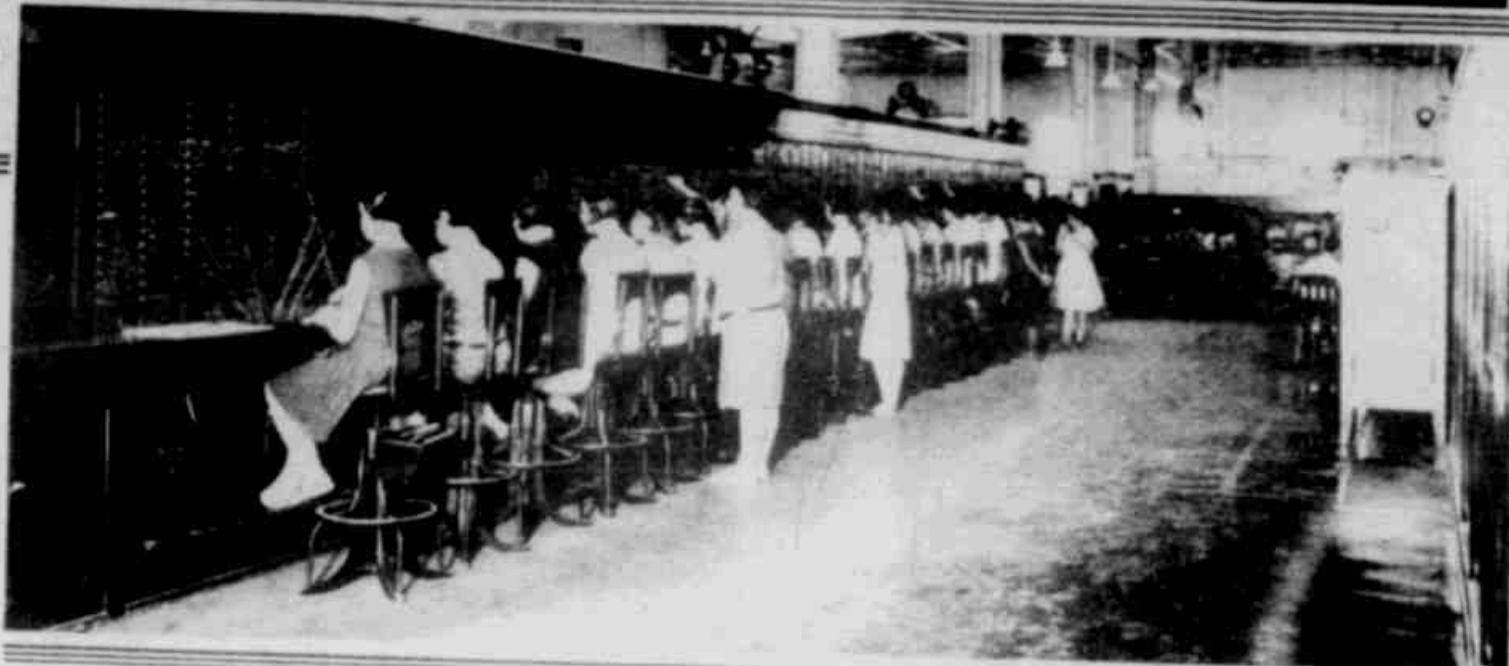
Além do dormitorio tem ainda um esplendido "lunch-room" onde ellas podem fazer suas refeições por preços que nos deixaram "agua na bocca", sem falar no cheiro bom das iguarias provocadoras do mesmo phenomeno reflexo.

Pela "tabella-men[illegible]" que reproduzimos se vê[illegible] os prêços de que falamos.

Em mesinhas para quatro pessoas almoçavam ellas na occasião da nossa visita e reparamos, ent[illegible], nas physionomias satisf[illegible]itas, no ar sadio e prazenteiro que todas apresentavam.

Era como um alegre bando de collegiaes no refeitorio, papagueando fe-

Recebendo capas e chapéos no vestiario.

Aspecto geral de uma parte do salão de ligações vendo-se a mesa do inter-urbano.

A "mesa" de ligações da Estação Norte com o emmaranhado das "pégas" e as chefes do serviço fiscalizando o trabalho.

Uma pequena turma na hora da sahida.

lizes e descuidadas. Algumas, após a refeição descançavam em commodas cadeiras de balanço, emquanto a Companhia prepara o salão de repouso que lhes está destinado.

Ahi apanhámos um aspecto photographico de um grupo que ficou satisfeitissimo quando soube que seus retratos iam ser reproduzidos no "PARA TODOS".

Já de sahida, no vestiario, surprehendemos outro flagrante das que recebiam seus chapéos e capas, e onde se via um deposito das mais variadas sombrinhas que fariam inveja á vitrine mais bem sortida da rua do Ouvidor.

A ESPAÇOSA SALA DAS REFEIÇÕES.

A COZINHA DO SALÃO DE REFEIÇÕES

Conseguimos trocar ligeiras palavras com algumas das moças que nos disseram francamente:

— Estamos satisfeitissimas aqui.

— Eu trabalho ha oito mezes no urbano e nada tenho que dizer, disse uma muito graciosa.

— Eu estou trabalhando ha quatro annos, e si tivesse alguma cousa a dizer, seria somente bem, accrescentou outra risonha e gordinha que emprega sua actividade no inter-urbano.

Nossa chefe nos trata com a maior delicadeza.

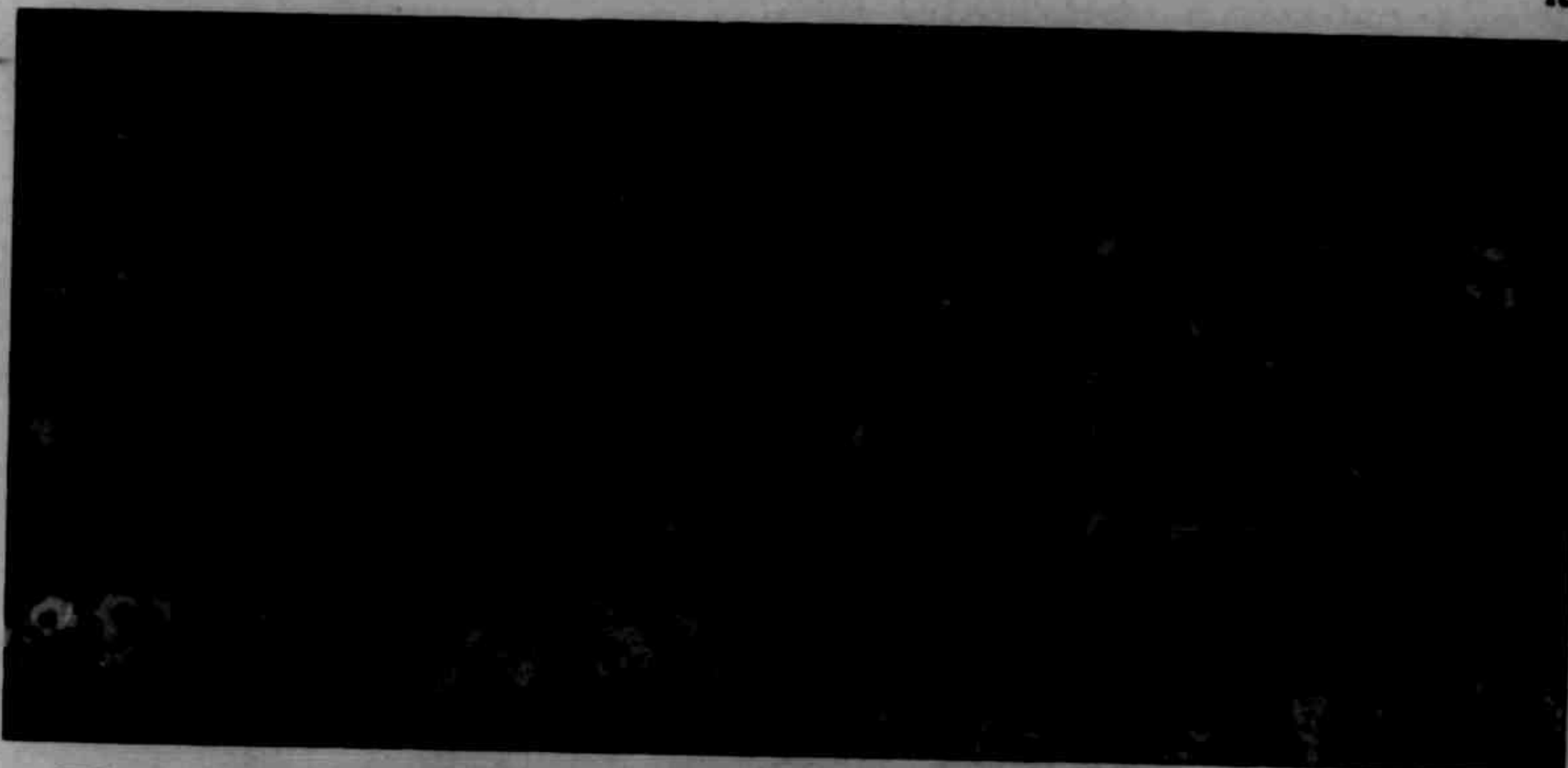
— E todas nós somos muito unidas. Parece que somos de uma familia só.

— E o Sr. Reis? perguntamos nós.

— Ah! Não somente elle como a senhora são muito delicados e attenciosos como chefes. Nenhuma de nós tem razão de queixa.

— São, nesse caso, os reis dos chefes; concluimos nós com um trocadilho que as fez sorrir, confirmando o dito.

Já na rua do Costa por onde entram e sahem as telephonistas, surprehendemos um grupo que vinha para o trabalho despreoccupado e alegremente. Verdadeiras abelhas daquella grande colmeia onde o trabalho não cessa, as telephonistas se sentem felizes sob o olhar vigilante e bonachão da senhora Dona Anna Nunes, encarregada da portaria, e veterana da casa, pois conta mais de vinte annos de bons serviços, tendo vindo ainda da antiga Companhia dirigida pelos allemães.

TABELLA-MENU' NO "LUNCH-ROOM".

No Instituto Nacional de Musica

PREMIOS

Senhorita Maria José Thomas

Senhor Arnaldo Rabello

O director Fertin de Vasconcellos com os diplomados de 1928

MUSICA

Quando sahi, dias atraz, do recital de Arnaldo Rebello, não pude deixar de reflectir sobre a situação delicadissima em que se encontra esse talentoso pianista, que considero uma das mais admiraveis promessas da joven geração artística brasileira. E digo delicadissima porque, terminando o seu curso, que rematou brilhantemente com a conquista da Medalha de Ouro, Arnaldo está, por assim dizer, em uma encruzilhada de sua vida, deante de dois caminhos a seguir. Um delles, conduzil-o-á á gloria, fatalmente. O outro, leval-o-á ao desalento.

Como muito bem disse Emil Frey, se Arnaldo tiver a possibilidade de trabalhar a sua arte e se desenvolver, fará honra á vida espiritual e artistica de seu paiz. A reciproca é logica. Falte-lhe essa possibilidade e Arnaldo não poderá realizar a previsão de Frey. E eis por que considero delicadissima a situação em que presentemente se encontra o joven artista. Arnaldo Rebello é dos que mais merecem encontrar facilidades para trabalhar a sua arte. Tenho por elle uma admiração especial. Estou habituadissimo a ouvir pianistas que começam, pianistas que estão em pleno esplendor e pianistas que caminham para o fim da carreira. Sei, por isso, dar o verdadeiro valor áquelles que, ao contrario do que affirmou Thalberg, trabalham mais com a intelligencia do que propriamente com os dedos...

No turbilhão dos pianistas brasileiros que aqui se apresentam, Arnaldo distinguiu-se precisamente pelo temperamento de que é dotado e graças ao qual constitue uma personalidade aparte.

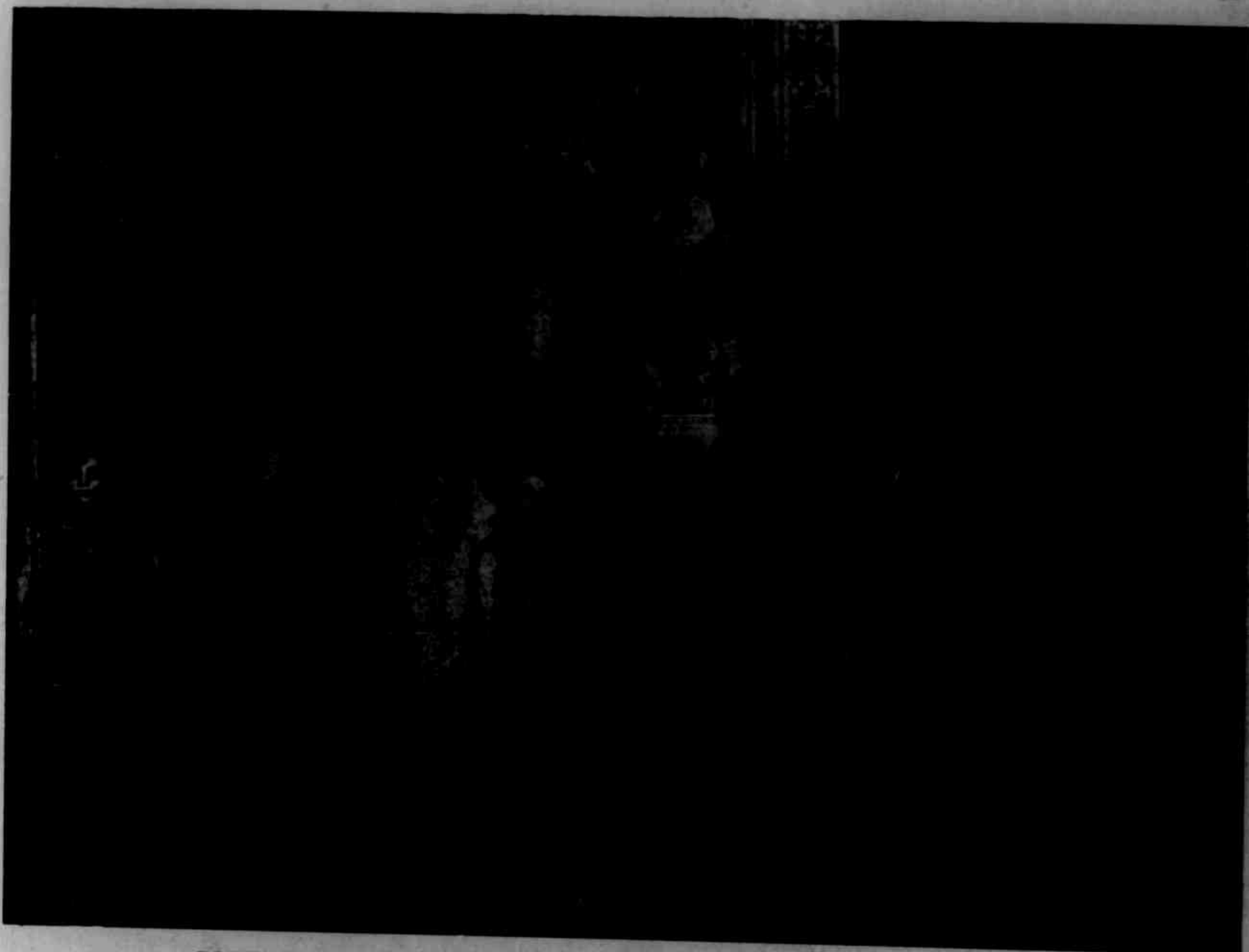
Um pianista que não passe de um bom pianista é um máo pianista — escreveu Lavignac. Não bastam dedos para se interpretar a musica, que é a expressão sonora da belleza. E' necessario que se possúa o genio da interpretação, o mais bello dom que se possa possuir depois do da producção, segundo o autor que acabo de citar.

Esse dom Arnaldo Rebello o possue em alta dóse, é o seu maior apanagio, a nota mais vibrante caracteristica de sua personalidade, o predicado que o distingue e que o eleva cada vez mais, no conceito dos que têm a emoção aguçada e que, nas platéas, constituem o grupo, não muito grande, dos que não ouvem apenas com os ouvidos, mas, principalmente, com a sensibilidade.

Assim, um pianista que, mais do que um pianista, é um artista, não deve ficar muito tempo deante de uma encruzilhada, onde ha dois caminhos a seguir. Arnaldo precisa trabalhar a sua arte, para que possa enveredar pela estrada que o conduzirá fatalmente á gloria.

Arnaldo Rebello, como já temos dito, é uma das mais completas personalidades artisticas da nova geração. Apparelhado já de uma mechanica pianistica, que todos os dias se desenvolve e aperfeiçôa, elle é principalmente um interprete, que se identifica com a pessoa do autor executado, sem, entretanto, abrir mão da sua individualidade. Verdadeiro collaborador do compositor, como diz o mestre, traço de união entre este e o auditorio, elle é dos que relegam para o segundo plano a idéa do successo pessoal. E' o interprete por excellencia, o temperamento poetico que se commove e que se impressiona, o artista, acima de tudo, que não transige para os effeitos exteriores. O seu recital foi uma hora boa, de grande alento para os que sabem, como elle, sentir a verdadeira arte na sua mais commovedora finalidade. O publico fez-lhe ovações as mais calorosas. Elle tocou varias peças extraordinarias. Uma valsa de Chopin executada a pedido, terminou sob uma tempestade de applausos. Uma linda apotheose para quem apenas começa!

Tapajós Gomes.

Alumnas das classes infantis da Escola Figueiredo que tomaram parte na ultima audição publica.

BAILES DO CITY BANK CLUB E DO PRAIA CLUB, SABBADO DA OUTRA SEMANA

FESTA DE ANNIVERSARIO DO LYCEU LITERARIO PORTUGUEZ

E' "Apache", um melodrama de "Grand Guignol", pelo "Town Club Players of New York", uma das quatro peças em um acto do programma executado no "American Laboratory Theatre". O scenario moderno, desenhado por Henrietta Kipper Moss, foi usado em diversas outras peças com egual successo.

E' sempre com satisfação que aproveitamos as opportunidades de falar do grupo de pequenos theatros da nossa cidade natal — Nova York, porque em relação ao resto do paiz estâmos, infelizmente, atrazados no que diz respeito ao numero, fins e qualidade de nossos theatrinhos.

Um dos nossos grupos mais novos de "Mahattan", "The Town Club Players", está fazendo uma offerta que os amadores de theatro devem considerar seriamente. A sua sociedade é composta de novayorkinos que possuem as aptidões, o talento e os fundos necessarios á producção de peças de valor e os seus planos são grandiosos.

O seu ultimo cartaz, bem organizado, compunha-se de peças em um acto: "Trifles", de Susan Glaspel, "The Key" e "A Leave-taking", de Molnar e "Apache", melodrama levado primeiro pelo "Grand Guignol" de Paris.

Mrs. Elsie Stern, directora-gerente do "The Town Club Players", diz que esperam representar no anno vindouro, no "National Little Theatre Tournament" e aproveita para reaffirmar a velha crença de que o theatro está na massa do sangue e, a proposito, é interessante notar que um dos seus membros mais activos e mais enthusiastas é Mrs. Elsa Simonson Milins, que é irmã de Lee Simonson, esse genio do theatro.

A Kendall Mussey, empresaria do "Little Theatre Opera Company of New York and Brooklyn" cabe a gloria do primeiro acontecimento musical de valor entre os Pequenos Theatros. E' idéa sua e o seu ideal de que os pequenos theatros espalhados por centenas de cidades grandes e pequenas, por todo o paiz, venham a ter companhia propria, com actores locaes, com repertorio de operas-comicas em inglez.

O seu "Little Theatre Opera Company", fundado ha quatro annos, já terminou o periodo de experiencia e é agora uma organização prospera, apreciada pelos amantes de musica, que encaram os pequenos theatros regionaes não só como divulgadores do drama, como tambem da bôa musica.

Na presente estação do "Little Theatre Opera Company" estrearam quarenta e um cantores que, do contrario, nunca teriam podido, talvez, cantar em publico; foram dados oitenta e quatro espectaculos de opera-comica, estando incluidas no seu repertorio "Robin Hood", de Koven, "The Bat", de Johann Strauss, "The Merry Wives of Windsor", de Nicolai "Djamileh", de Bizet, "Phœbus and Pan", de Bach, "Elvieir of Love", de Donizetti e "The Chocolate Poldier", de Oscar Strauss.

Helen Ardelle no papel de "Adina", no Elixir de Amor, de Donizetti, representado em inglez, pela "Little Theatre Opera Company", no "Hecksher Theatre", Nova-York, sob a direcção de Kendall Mussey.

"AMATEUR GREENROOM"

"The Feagin School of Dramatic Art" apresentou recentemente um programma interessante no "Lenore Hill Theatre", de Nova York. Sob a direcção de Miss Lucy Feazin e de Mr. Harry Neville, foram representadas duas peças em um acto e dois actos de "An Ideal Husband", de Oscar Wilde, pelos alumnos da escola de Miss Feazin nos principaes papeis, sendo que, a peça de Wilde, contém difficuldades de technica dramatica que foram desempenhadas com segurança e facilidade pelos jovens actores.

O primeiro Festival Dramatico em Wisconsin, levado a effeito na Universidade de Wisconsin, deu occasião a que se comparasse a efficiencia dos diversos grupos que nelle tomaram parte.

Houve seis torneios districtos: torneio ecclesiastico, rural, de associações urbanas ou não, de escolas superiores e pequenas e collegios. Tomaram parte noventa e dois actores diversos de varias localidades do Estado; o "St. Francis Players", de Madson ganhou o torneio ecclesiastico, com "Hunger", de Pillot; o "Curtiss Dramatic Club" ganhou o torneio rural; o "Wankeska Little Theatre", com "A Minuet", de Parker; "The Kohler Players", da "Kohler High School", com "The Valiant", de Hall e Middlemass e "The Playfellows of Hall State Teachers' College", com "Dust of the Road", de Goodman.

Um discurso de Walter Hartwig, paranympho do "National Little Theatre Tournament", sobre "My Impressions of the Little Theatre Movement in the United States", provocou animada discussão entre os delegados visitantes e os estudantes da Universidade.

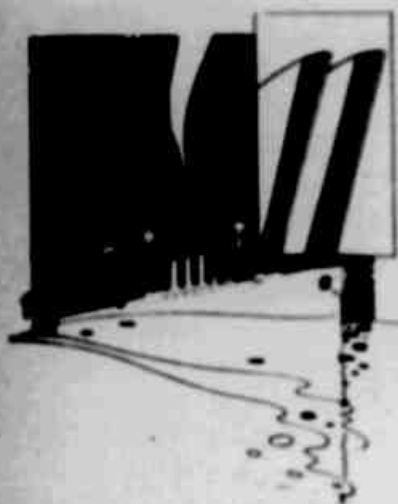
Foi apresentado um programma com trabalhos de Alfred Kreymborg, na "New School of Social Research", com os actores de Louise Gifford, sob a direcção de Romney Brent e John Martin.

O programma compunha-se de varios poemas musicados do Sr. Kreymborg e interpretados na mandolute, pelo autor; duas peças em um acto, "Measy Street" e "Jane, Jean and John"; uma opereta, "Lima Beans" e, finalmente, um cyclo de cantos, "September Separation".

A parte mais interessante do programma e de certo a mais moderna, foi a que constou da opereta americana "Lima Beans". William Spielter, que escreveu a sua musica, não se limitou a acompanhar o estylo dos versos de Kreymborg, tornou-os deliciosamente melodiosos.

"The Westchester Drama Association", de Nova York, deu o seu quarto torneio annual em Abril, tendo concorrido nove grupos de diversas cidades em Westchester e Connecticut.

VENTANIA

HORACIO CARTIER

Não foi a illusão de encontrar Maria Lucia, e sim o desejo de esquecel-a, que me levou á festa de bordo daquelle cruzador japonez, tão pesado e tranquillo com suas torres e couraças, e no entanto vaporoso ao fundo da bahia como uma figuração de biombo, e a desenhar nas distancias toldadas da tarde a sua fieira de chaminés de marfim sujo.

Dizia-me o coração que ao contacto de Judith, que não era um novo amor, mas um presentimento bom, uma esperança de salvação mal entrevista, talvez se unissem os labios da ferida rasgada pelos dedos compridos da outra. A exhalação do seio das aguas dava-me uma elasticidade especial de vida, acordando-me o anceio de ser livre á medida que a lancha rumava para o vaso de guerra, transportando os convidados de ultima hora. Eu não olhava o cáes de medroso de me lembrar da terra onde cravam as minhas saudades de Maria Lucia, que desapparecera sem um adeus, e me esvasiára o mundo. Distrahia-me, ou procurava divertir os pensamentos que me alanceavam uma e muitas vezes, vendo ao longe a nave estrangeira, que já riscava o seu toldo de listas vermelhas, e vendo, á prôa cortante de rendas da lancha que ia talhando tudo, a figura de Judith, com o seu corpo macio de linhas ondeantes, com os seus olhos vagos de espanto, a sua tez muito unida, e a bocca de recorte largo e aspero, que lhe emprestava um ar audacioso de provocação.

Ella nem sonhava o romance que eu ainda estava vivendo; mas a lembrança de Maria Lucia, quero agora acreditar, acaso me havia transtornado tanto que lhe dei a intuição falsa de que o turvamento era já o do encontro dos nossos destinos. Porque estranhar, sendo assim, que á bordo, sob os fios tremulos das lanternas japonezas, a pobre me falasse e ouvisse como a conhecido de muito tempo? Eu era para Judith, naquelles momentos, uma dessas creaturas que alimentam no silencio intimidades antigas de coração, e não nos falam nunca, e avistamos raramente, numa encantação de acaso, mas um dia, porque nos encontram e páram, julgam tão natural uma phrase como um beijo; e, conversando pela primeira vez, pensam nos repetir cousas que já nos redisseram, recompôr scenas que vivemos e revivemos juntos.

Quasi ao fim da festa, quando alguns pares se enganchavam ainda nos prazeres das ultimas dansas, e outros, á escada do navio, escutavam impacientes as vozes e apitos que chamavam as embarcações distantes, olhavamos os dois, de um sitio esconso do tombadilho, o mar que nos offerecia seus punhados de lantejoulas, a lingua dos holophotes que lambiam de subito a noite cheirosa.

Judith suppunha-me penetrado do seu amor, invadido das immensidades espirituaes do instincto, como se a sua presença, nos quebrantos daquella hora, me houvesse feito beber todo o oceano e todo o céo. E então, porque era mulher, desejando medir a força da fatalidade de que me vincára, deixou pender os braços, e recommendou-me depois de alguns instantes de estudada melancolia:

— E' conveniente que não me procure nem me fale mais... O telephone lá de casa é muito vigiado de minhas irmãs, que não me deixam, e eu tenho deveres, e sou afinal uma mulher casasada... Esqueça-me, que isto é sempre facil para os homens, e isto eu espero do seu cavalheirismo...

Respondi que sim, e pensando vingar-me obscuramente da lembrança de Maria Lucia, rasgal-a como um retalho de sêda fina, e amarfanhal-a bastante, accrescentei, mentindo, que eu não seria sequer digno da esperança de um dia merecer outra noite como aquella, se não colhesse na propria saudade de seus deslumbramentos a força milagrosa da submissão.

— Não era outra a resposta que eu esperava! — suspirou Judith, olhando-me confiante, e fascinada, não de mim, mas do espelho de sua vaidade.

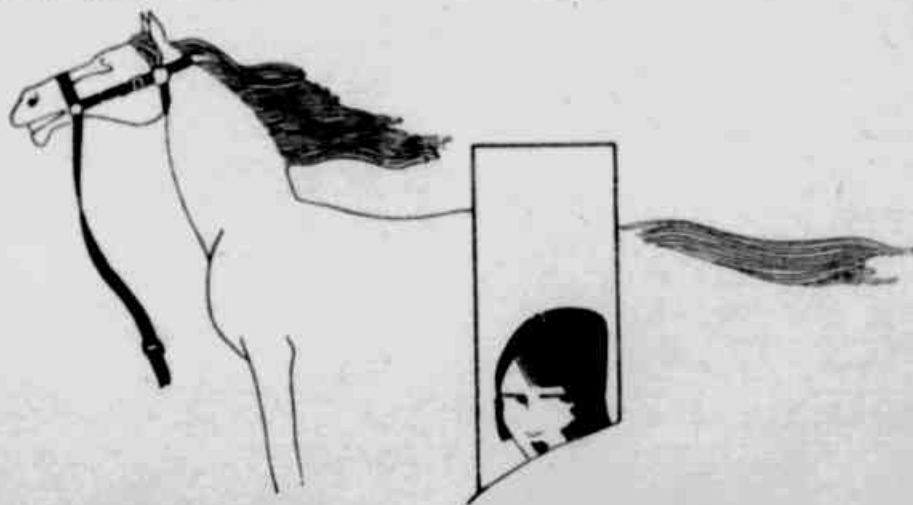
Momentos depois, descendo a escadinha de bordo, esmagava-me no hombro a rosa de sua mão, e lá em baixo, ao saltar na lancha, parecia me desfallecer nos braços. As irmãs já se haviam entalado pelos bancos que beijavam com as amuradas; e um official de marinha que nos acompanhava, expedindo ordens, asperas aos homens da embarcação, reparando no rosto e alliança de Judith, e no meu ar cerimonioso, falou na vida de mar, e tentou seduzil-a com as suggestões de um passeio pela bahia, apontando-lhe as aguas que o luar argentava. Ella sorriu contrafeita e mergulhou no silencio em que eu me abysmara, como se no fundo delle me quizesse apertar a mão. O official deslisou para a prôa, espairecendo com outras passageiras do grupo, e eu pretendi dizer alguma cousa, mas o pensamento não se movia de embaraçado a que estava na dansa das estrellas, e no gesto de Judith, que parecia ennovelar as luzes do céo.

Quando desciamos pelo cáes retardei o passo para melhor contemplar-lhe os movimentos do andar, que colleava; e não sei porque, vendo-a caminhar, modelada pelo vestido que tinha o tom indefinivel de ouro e de fogo de seus cabellos curtos, pensei na Ventania, uma alazan de corrida que me maravilhára a infancia nos prados do Sul, e galopava pela manhã, resfolgando insoffrida, e ao sahir dos ensaios, gottejante de suor, mastigava o freio de pescoço empinado, e avançava o passo com firmezas de bronze, mas com elegancias nervosas de conjuncto que fingiam a dos monumentos equestres.

Ventania! Quantas vezes, nas horas de galope, tentei dominal-a, colhendo-lhe as clinas douradas! Ella refugia impetuosa, negaceando electrisada, e arremessando-me longe, para quedar-se depois de orelhas fitas, contente de me vêr vencido, atirado de bruços e levando a mão lenta á bocca do estomago, escancarando os olhos, e a bocca escancarada no esforço afflictivo de querer respirar sem poder!

Ventania! Judith! Porque se fundiam então aquellas duas imagens, tão desligadas pelo tempo, a imagem da alazan, e a da mulher? Era que havia numa toda a inquietação fremente da outra, e as duas me vertiam as mesmas sensações do perigo, excitavam egual desejo de arrojo pela esperança de dominio, pelo gosto almejante do risco, pelas vibrações da mesma côr de canella de vestidos e de pellos, e ainda, ou sobretudo, pela identidade do sentimento esthetico de visão dentro daquellas harmonias intraduziveis na composição de suas fórmas e forças, e no jorro incessante da como espiritualidade de suas graças.

Por onde andará a Ventania? Já morreu com certeza, e seu nome já se apagou sem duvida da memoria dos prados de Porto Alegre, e só eu a recordo ainda nas corridas de festa, torcendo-se victoriosa pelas curvas distantes, como um cavallinho de chumbo amassado pelas mãos de uma creança. E Judith? Ah, esta, eu a vi não faz muitas horas. Via-a pela primeira vez depois daquella noite de bordo, já distanciada de tres mezes. Fiz-lhe a vontade: não telephonei nunca. E não foi difficil satisfazer-lhe a recommendação ardilosa de mulher que se encarece, porque não ha nada mais facil neste mundo que affectar caprichos, ostentar orgulhos e vontades, e ser homem enfim, quando não se quer bem.

Judith cumprimentou-me fria. A enfermidade que a cravara no leito durante um mez, se a demudou de semblante, o periodo dobrado para se restabelecer lhe havia por certo restaurado sangue e feições, porque ella era a mesma da tarde do cruzador japonez, e trazia até o mesmo

vestido! Segui-a de longe para desencaminhar qualquer suspeita da amiga com que passeava, e parei a uma esquina de arranha-céo quando a vi entrar no cabelleireiro. Esperei-a um quarto de hora e quiz partir. Esperei mais quinze minutos, esperei outro quarto de hora, e duas vezes quiz de novo partir. Mas não sei que força estranha de fatalidade me chumbava áquella espera inutil, quando tudo dentro em mim era uma solicitação vehemente de deserção, e todas as vozes interiores me segredavam tratar-se de uma mulher que passara, de uma creatura de que eu me esquecera por tres mezes, e revira sem um estremecimento de coração. Ella reappareceu emfim. Vinha pelo braço da amiga, que desdeu logo adeante, á entrada do omnibus, onde eu subi tambem, de modo alheiado, atirando-me com as duas para a Tijuca, e perdendo-me para ellas na chusma dos passageiros sem nome. Não foi demorada a viagem. Judith, muito antes do ponto terminal despediu-se da companheira, e o omnibus parou. Desci tambem, mas automaticamente. Ella viu-me immovel no meio fio da calçada.

Annuviou o rosto e voltou-me a cabeça. Os automoveis iam e vinham. Iam do lado em que desceramos, e vinham do outro, que prendia com a rua da sua casa, e indo e vindo, todos os pharóes coruscavam num baralhamento de luzes que assustava a sombra das cousas. Os bondes, tilintando, passavam e repassavam, e as filas do transito por vezes se contorciam repentinas, e as pupillas dos automoveis se amorteciam de improviso á apparição das luzes grandes dos omnibus, que rodavam fantasticos. Judith, que estava a uns seis metros de mim, aborrecida, irritada talvez do meu silencio, ferida pela minha desfaçatez de seguil-a depois de tudo, ficando ali nas visinhanças de sua casa, e orgulhosa tambem da occasião de me abater e vingar-se com as armas de sua altivez, olhou por um instante a direcção de onde chegara e atravessou a rua de viéz.

No meio da passagem guinou a vista para os lados da Tijuca, e vendo os automoveis em desfilada, estacou de fronte alta, elegante e nervosa. Eu lhe sentia o artificial da despreoccupação, e estava seguro de que era para mim que ella aprimorava o seu andar extasiante, e para mim que no meio do vae-vem tumultuoso multiplicava a graça dos seus gestos, levando a mão ao chapéosinho unido de feltro. O seu vestido de canella incendiou-se a um reflexo mais vivo de pharol, e essa visão me lembrou de novo a formosura inquieta da Ventania. Nisto, a luz apertou de intensidade, e dentro da fulguração apagou-se o corpo de Judith, e tudo me escureceu em torno, e ficou a vibrar-me como vibra até agora, aquelle grito mortal de susto e horrisono de dôr, que paralysou o transito num instante de encantamento sinistro.

E foi nesse instante que couberam o meu impeto e a minha immobilidade, porque revivi, entre o arremesso e a quietação, todas as horas da minha tarde triste de festa, e da de hoje, que foi mais triste ainda. Como eu poderia acudir Judith ali tão perto de sua casa? E depois, quando me chamassem a testemunhar, e perguntado qual era o meu destino, que iria responder de garganta cerrada e pallido de remorsos? E as suas irmans, quando ali me vissem, e logo se recordassem do cruzador japonez, e relembrassem a morta no tombadilho, esquecida ao meu lado, e na lancha, com os olhos esquecidos nos meus, que diriam, ao relampejar da razão, notando-me o descorado do rosto, e ouvindo-me as palavras sem nexo?

Mas Judith estará morta devéras? Quem sabe se o grito não foi de puro pavôr, e ella apenas desmaiou dentro do vestido estraçalhado? Não sei. Ninguem me quer dizer nesta noite que já vae tão alta... Vim ainda não ha muito daquella rua comprida da Tijuca, e por duas vezes trilhei os arredores do desastre, espiando o asphalto para rastrear algum vestigio de sangue, sem cabeça para comprehender que o rodar continuo dos pneumaticos teria levado tudo.

A rua estava quieta, e fechado o botequim de onde eu vira sahir tres homens em mangas de camisa, e que eram tres portuguezes, porque não me esquece o movimento de seus pés abertos na disparada de soccorros. Quiz subir pela rua da casa de Judith, mas não tive coragem á idéa de que a sala poderia estar aberta, e já lhe velassem o corpo suave de dansa. Estuguei o passo, fugindo daquelles logares, fugindo ao proprio remorso, tão viva a consciencia da culpa, e tão certo que Judith não ficaria debaixo daquellas rodas se não fôra o atordoamento da minha presença, e o seu receio de que eu me affoitaria a acompanhal-a ainda mais, a dirigir-lhe a palavra no vão proposito de justificar-me. Ella atravessaria a rua como teria feito milhares de vezes, e até em dias de maior tumulto, sem a preoccupação de se mostrar indifferente e mais linda, em logar de cautelosa, sem aquella vaidade de olhar sem vêr, de um lado para outro, e de alisar o chapéo, e seguir tão altiva de movimentos, e orgulhosa de suas indifferenças fataes. Andei muitas quadras, detendo-me numa praça, e lembrando que na hora do desastre, quando me evadi com o outro culpado, que os populares queriam filar aos gritos de "péga!" "péga!", foi naquella altura que passou branco, raspando os seus tympanos, o carro da assistencia publica. Mas elle teria ido soccorrer Judith? Se tantas casas, tantas ruas, e eram tão frequentes em toda a cidade os chamados e os desastres, porque conjecturar que o carro disparava para acudir a atropeláda da Tijuca? E se ella estivesse apenas ferida, rasgada nas carnes macias do braço, e com algumas contusões pelos flancos? Os jornaes me diriam tudo. Lancei-me a um taxi e voei para o centro da cidade. Mas á porta das redacções, á porta daquellas casas de gente amiga, fiquei indeciso, tão penetrante a impressão de que todos leriam no meu rosto uma confissão de amor culpado, uma angustia indizivel de remordimento. Tive forças para entrar numa redacção, é verdade, onde todos me receberam contentes, e perguntaram-me que novidades me levavam por ali áquellas horas da noite.

E como eu não respondesse, elles baixaram a cabeça, e continuaram escrevendo, e absorvidos de tal modo que não se aperceberam da minha sahida, e poderiam imaginar tudo, menos que eu quizesse soltar da bocca a braza que me queimava, e era uma pergunta tão trivial em qualquer redacção, onde até os estranhos entram e sáem a cada momento, pedindo noticias das menores occorrencias de rua. Estará morta a coitada da Judith?

Veiu-me agora o pensamento de voltar lá, de me encorajar e subir pela rua em que ella mora, e acabar de vez com esta afflicção. Mas já é tão tarde!

Os gallos estão cantando na madrugada fria, e os pateos acordam sem as alegrias de sempre.

Abro a janella e presinto a aurora, que vem atrazada porque perdeu pelos caminhos todas as franjas de ouro do seu chale. No quintal visinho, perto da cêrca ainda escura de folhagens, e marcado por um trapo que alveja batido pelo vento na ponta de uma taquara, desperta o pombal a um arrulho triste de viuvez, coando-me pelos nervos um arrepio presago.

Não, eu não volto.

Não volto, mas vou sahir de novo, que os jornaes não tardam a apparecer pelas esquinas. Agora, sim, irei saber se Judith morreu, ou se vive, e está salva para me deslumbrar um dia como Maria Lucia, ou, como a Ventania, me atirar ao lado da vida, e parar depois contente de me vêr vencido e de bruços, na angustia de querer respirar sem poder!

NOITE AMAZONICA

ARSENIO PARIMA

Olha, Carijua:
A noite vae abrindo devagar
A grande asa «pixuna»
Que esconde tudo.

A agua mansa do paraná
Passa, roendo o barranco.
Não se vê mais o «matupá»,
Nem o grito alegre da «piassóca».

Num galho de «abiorana»
O «Matij-taperê», sósinho, triste,
Afunda o olhar na noite funda,
E canta
O seu canto que rasga a escuridão.

No meio do aningal
Os clarões amarellos
Dos olhos maus do jacaré-assú
Passam, repassam, cortando
A agua do «igapó»,
Toda a tremer nos «banzeiros»
Mas, olha Carijua:
Tapuia não tem medo da noite,
Nem da sucurijú que anda no «tijuco»,
Nem da «gijtirana-boia»
Que vôa, cega e doida, pelo matto.
Não tem medo; — entra na «montaria»,
Rema, rema, subindo o paraná
Até a bocca do igarapé
Onde tem «pirapitinga» e «tambaquij».

Chega, sobe o barranco
Coberto de «cannarana».
Alta no «taperij» a maqueira
E accende o cigarro de «tauarij».

Depois, emquanto a agua corre,
Brincando com as folhinhas de «ingarana»,
Elle adormece e sonha
O seu sonho de tapuia:
«Uma casinha
Coberta de «babassú».
A porta é o «japá» da igarité;
Paredes de «pashiúba»;
E nas paredes enfiados
O arco, o «jaticá», o «tipitij», a «arpoeira».
A um canto, na rede de «tucum»,
A sua «cunhã»,
Cheirando a «peripióca» e «japana»,
Doce como o «jacamin».
Macia como a lontra.
Linda como a Yara.»

Mas tapuia desperta,
Nos olhos ainda cheios de somno
Bate um clarão gelado.

Levanta-se, olha, sorri:
Por traz de uma «súmaumeira»,
Abrindo a asa «pixuna» da noite,
Vem nascendo Yacij.

Ao
Para-Todos.
saudações de
Bidú Sayão
Rio, 9/9/29.

Senhora Alvaro Neves, esposa do Chefe de Policia do Estado do Rio, que tem hoje a sua festa de anniversario e vae receber as homenagens mais affectuosas das sociedades fluminense e carioca, das quaes ella é figura de nobre destaque.

Em baixo: instantaneo batido durante o ultimo chá dansante no Club Militar, que foi uma tarde elegante, com a reunião, nas salas do palacio da Avenida, de familias de officiaes e altas autoridades do Exercito.

O "cock-tail party" que o joven casal Paulo Serrado offereceu a um grupo de pessoas de suas relações, foi simplesmente encantador.

A linda residencia Paulo Serrado tem um dos mais bellos interiores do Rio de Janeiro.

Alie-se isto á immensa fidalguia dos donos da casa e é o quanto basta para que qualquer reunião ahi levada a effeito seja perfeitamente "réunie".

A illustre senhora Paulo Serrado, "née" Penido, é uma das mais jovens, das mais cultas e das mais espirituosas "grandes dames" da nossa sociedade.

Paulo Serrado é o "gentleman" por excellencia.

Por todas essas razões, o "cock-tail party" de quarta-feira foi adoravel.

Com prazer, todos reviram essa figura gentil, elegante e fina que é a senhorita Maria Elisa Ildefonso Dutra, que fez a sua "rentrée", tendo chegado ha poucos dias do Velho Mundo.

O grupo de "maravilhosas" não podia ser mais brilhante.

Lá estavam: a linda senhorita Laura Novis, "toute en gris"; a senhorita Ciçone Portocarrero, que contava num grupo a historia de uma moça que confundiu Oscar Wilde com Paul Whiteman; a senhorita Lásinha Luis Carlos, que falava enthusiasmada numa festa de caridade a realizar-se brevemente e da qual ella será uma das principaes "vedettes"; a senhorita Elisa Tigre de Oliveira, com a sua deliciosa alegria; a senhorita Cecilia Luiz Pereira, espirituosa e intelligente; a fidalga altivez da senhorita Maria Cecilia Penido; a scintillante senhorita Goya Tigre de Oliveira; a senhorita Rose Marie Tanco y Argaez, para a qual se póde cantar o "réfrain" da opereta do Mogador:

"Les fleurs dans la frairie
S'ouvrent quand tu passes",

e ainda as senhoritas Vivi Penido, Martins, Lucia Miguel Pereira, Olympia de Carvalho e senhor Mario Bittencourt e o seu eterno sorriso; o "gentleman" Luiz Menezes e o seu ar "cafardeux"; o senhor Marcello Castello Branco, sempre elegantissimo; o senhor Armando Serzedello Cor-

rêa, que muitas "maravilhosas" chamam o "Beau Armand"; o artista Gilberto Trompowski, finissimo "blagueur" e trocadilhista impossivel; o senhor Oswaldo Penido, que descobriu um "cock-tail" tão forte que foi baptisado com o nome de "Rupturita"; senhores Luiz e Rodolpho Figueira de Mello, João Augusto Penido, Eduardo Delamare, Oscar Portocarrero, e muitos outros.

O "cock-tail party" do casal Paulo Serrado foi uma linda festa de elegancia e de mocidade.

VICTOR DE CARVALHO.

A grande festa organizada por um numeroso grupo de senhoritas para celebrar a entrada da Primavera realiza-se hoje ás 16 horas, no Theatro Municipal, com caracter de nitida brasilidade, a ella comparecendo o Presidente da Republica, a quem, na occasião, a mocidade feminina carioca prestará expressiva homenagem.

O programma constituido de numeros de musica, danças e versos populares executados exclusivamente por moças e rapazes da nossa sociedade, será iniciado pelo Hymno Nacional de Musica, sob a regencia do maestro Agostinho de Oliveira.

Far-se-ão ouvir tres esplendidos conjunctos de violão: um composto de moças, sob a direcção da senhorita Olga Praguer; outro, constituido só de rapazes com o suggestivo nome "Flô do Tempo"; e o terceiro, formado de moças e rapazes, organizado pelo senhor Annibal Duarte de Oliveira.

Representar-se-á a comedia "A chegada do compadre Bastião", original da senhora Celina de Azevedo, cujos papeis serão tambem desempenhados por moças e rapazes de nossa élite.

Além de sólos, desafios e emboladas será dansado por senhoritas, ao som de instrumentos typicos e acompanhado de trovas de sabor puramente local, um "Côco" do nordéste brasileiro.

Do programma constam ainda entre outros numeros inteiramente inéditos, "Renuncia", letra de Olegario Marianno, musica de Joubert de Carvalho, e "Olá no á", letra e musica de Annibal Duarte de Oliveira.

No baile do Club Esthetico

Em baixo: senhorita Gessy Barbosa, a mais admirada das nossas cantoras regionaes, que tem uma voz bonita e sabe fazer programmas bonitos. Ella realiza esta tarde no Theatro Lyrico um recital com Rogerio Guimarães, o grande mestre do violão. Vae ser um fim de semana estupendo. A procura de bilhetes tem sido enorme e o casarão da rua Treze de Maio logo mais estará sem um logar vasio.

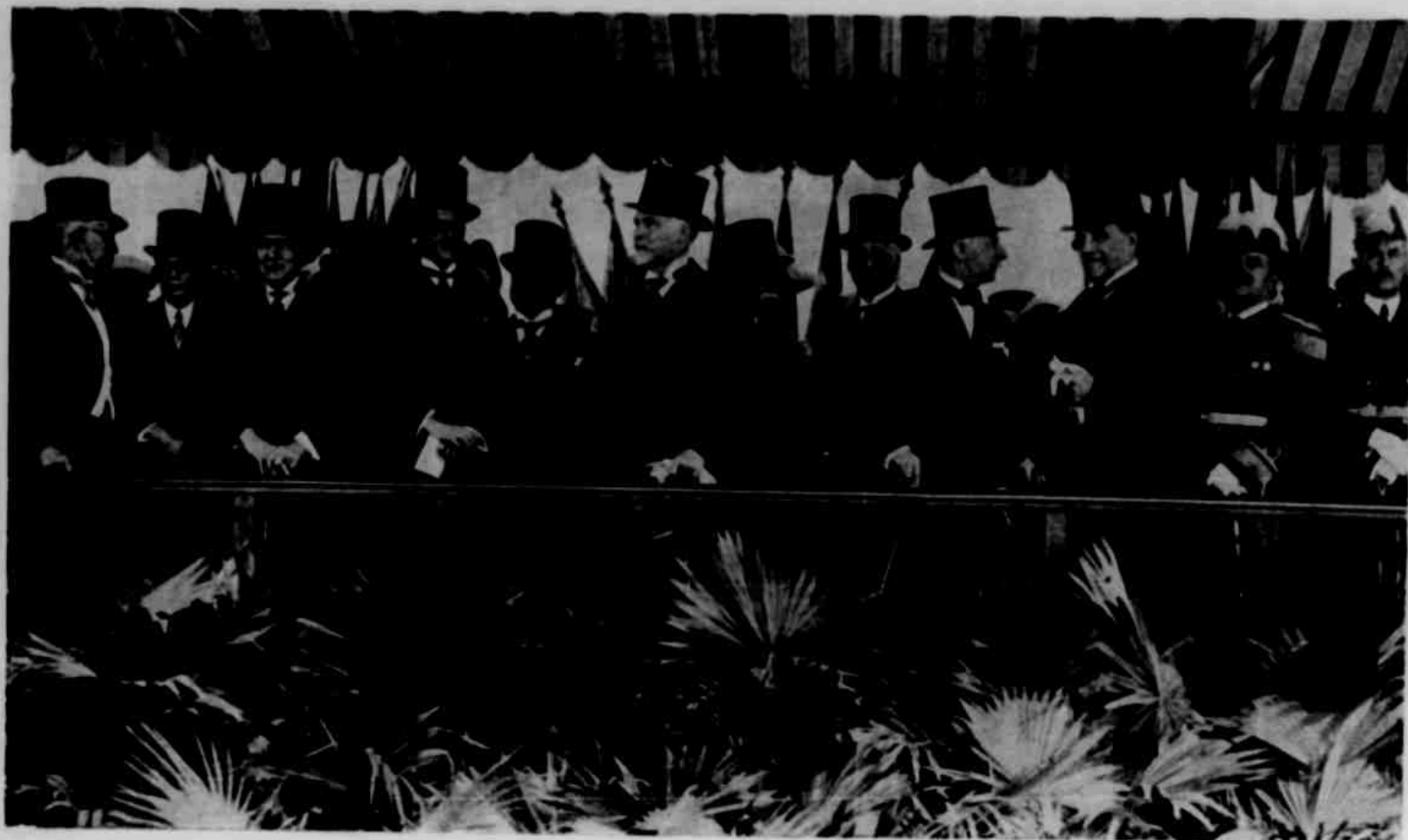
Antes do jantar offerecido ao senhor Vis
Chefe da Missão Econo

Miss Brasil num chá a bordo do c
com senhoritas da socied
commandante Jacob

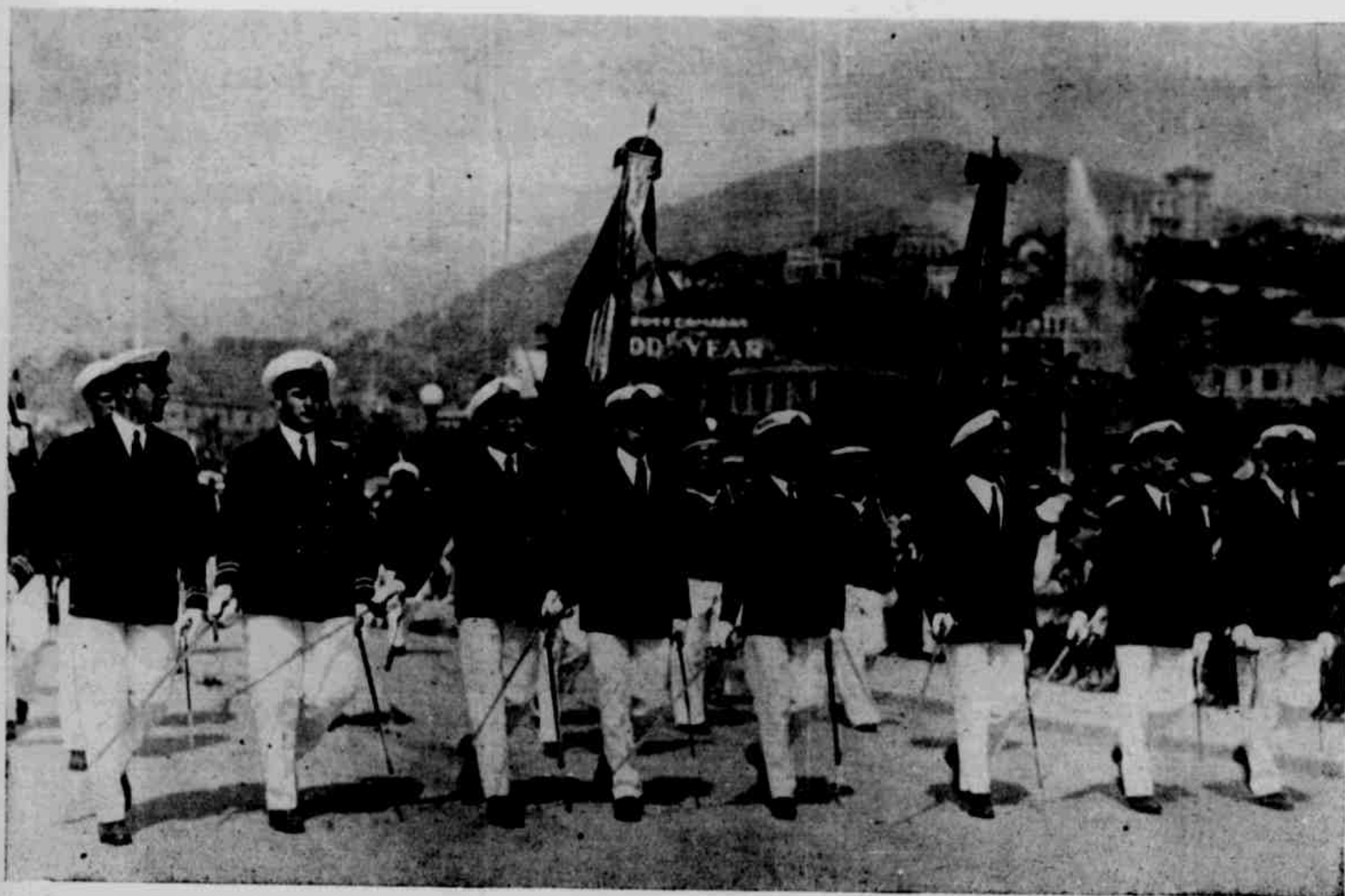
Madge Bellamy com um lindo vestido de noite em crépe Georgette

senhor Visconde Edgard Vincent d'Abernon,
ssão Economica Britannica.

bordo do cruzador inglez "Caradoc"
s da sociedade carioca e o
lante Jacob Nogueira.

Billie Dove com um "manteau" curtinho que é a ultima moda

O pavilhão official de onde o Presidente da Republica assistiu ao desfile das tropas com o Vice-Presidente, os Ministros, membros do Congresso, diplomatas, altas autoridades civis e militares.

No Dia da Patria

Officiaes da Marinha em parada

Oração á Santinha de Lisieux

Santa Therezinha do Menino Jesus!
Você nem sabe o bem que eu lhe devoto!
O grande bem que eu lhe quero
é tão grande, tão santo, tão ardente,
que eu não posso dizer porque não sei dizer!
Você foi a menina mais intelligente,
a menina mais bôa que já nasceu na França,
ou em outra qualquer parte do mundo.
Hoje, você é a santinha mais querida,
mais milagrosa que vive lá no céo.
Eu sou brasileiro, mas lhe quero mais bem
do que o francez que lhe queira mais bem.
Eu quero pedir a você, Therezinha,
um favor muito grande,
o obsequio maior que se póde pedir.
O mundo, que você deixou, quando foi para o céo,
está muito peor do que quando você deixou.
— Quando você se lembrar de atirar qualquer cousa
lá do céo sobre a terra,
em vez de rosas, como fez da outra vez,
atire uma porção de pedras bem pesadas...
Faça chover uma chuva de pedras
sobre as cabeças dessa gente ruim
que vive neste mundo sem olhar para o céo.
Mesmo que uma pedra caia sobre minha cabeça,
não faz mal, Therezinha!
E eu lhe ficarei muitissimo obrigado!

L U C I O   L A T I N O

Senhora Mary Zhulof, artista pintora, que inaugurou hontem uma interessantissima exposição no Palace Hotel com a presença dos grandes vultos da alta sociedade carioca, de artistas e escriptores. A exposição de Mary Zhulof, pela sua originalidade, vae ser um dos exitos notaveis da estação.

O novo jardim no aterrado da Lapa, com os repuxos funccionando, no dia 7 de Setembro. (Photographia apanhada por Marcos de Mendonça, do alto do Theatro Casino)

Abertura da Exposição do pintor Orlando Teruz, no Palace Hotel

Festa
no
Hospital da União dos Empregados no Commercio

Na commemoração do 86º anniversario do Instituto dos Advogados

O meu depoimento sobre o cinema

A confissão leal de um literato que traduz em palavras o que os outros guardam no pensamento.

BEN HECHT

EU não sou um literato mercenario e nunca encarei minha prosa sob o ponto de vista da venda. Dos milhões de palavras que tenho escripto não sei qual me proporcionou um meio cento por palavra. Essa falta de remuneração me tem feito permanecer a meus proprios olhos como um camarada cheio de integridade literaria e uma especie de fanatico da Arte.

Por isso, a minha attitude com respeito aos cinemas, afflige-me como uma incoherencia. Tenho interesse capital em tirar-lhes o mais dinheiro possivel. Eu ganho entre quinze e vinte e cinco mil dollars por um scenario ou, como chamam pomposamente em Hollywood, um "original".

Um scenario ou "original" leva uma a cinco tardes para dictar. Finalmente eu vendi seis delles e fui honrado pela "Hollywood Academy of Arts", com uma estatua de ouro.

Tenho vendido pequenas novellas, em que gastara um mez, por $250. E actualmente tenho publicado pequenos contos que me têm levado dois mezes para compôr. A minha novella de maior successo, que me levou dois annos a escrever, fez-me ganhar $7,000. E o meu primeiro editor no "Chicago Daily News" pode provar que eu escrevi para elle um conto por dia durante um anno e meio sob o titulo de "One Thousand and One Afternoons", sem pedir pagamento.

Quando um magnata do cinema se approxima de mim, sinto-me cheio de uma curiosidade mais psychologica do que economica. O facto do magnata do cinema ir ganhar muito dinheiro com a minha novella e que por isso eu partilharei dos seus lucros, nem sempre me occorre. Ao contrario, estou convencido de que a minha contribuição para o cinema que terá o meu nome será quasi negativa. O conto que forneço será um trabalho estropiado, contendo uma trama baralhada para parecer outra. E estou certo tambem, que o seu successo financeiro é noventa ou noventa e oito por cento devido á excellente organização de venda do film della tirado, á intelligencia do seu director, á popularidade de seus actores e á estupidez geral do publico de cinema.

O que me occorre quando me perguntam quanto quero por um "original", é que estou sendo convidado para participar de uma especie de mystificação. Esse logro é um dos que os magnatas do cinema têm a responsabilidade.

Quando ha dez annos ou mais, um grupo de pessoas sem cultura e quasi ignorantes se poz a testa do que foi então chamado uma "Nova Forma de Arte" — ou por outra, o cinema — foram aos literatos pedir-lhes collaboração. Começaram a dar grandes sommas aos "grandes escriptores" para cinema.

A entrada de "grandes escriptores" para o departamento de scenarios cinematicos foi e continua a ser uma farça. Mas os magnatas do cinema continuam a ignoral-o porque isso os lisonjeia. Lisonjeia-os pensar que o talento, o esforço, grande aptidão, etc., entram na creação do producto que elles vendem.

Assim quando o magnata do cinema se approxima de mim para um "original", tenho a impressão nitida de ser um sugador — um sugador que, coisa estranha, está perfeitamente prompto a...

Elle prefere que eu peça uma grande quantia por algumas tardes de trabalho e demonstra um contentamento especial quando o faço.

Quando vou conferenciar com este senhor, elle prefere que eu me faça passar por um genio, dando-lhe a illusão de que um "Grande Talento", vae trabalhar para elle na creação do scenario absolutamente idiota que elle vae comprar. Como elle consegue enganar-se a si proprio de que o scenario precisa de intelligencia maior do que a delle para digerir um dos films de successo que elle vende, é um problema que eu deixo para resolver por elle proprio. Contento-me em fazer o seu jogo e noto, ao msmo tempo, que isso me valerá $20,000.

O advento dos falantes tem, até certo ponto, perturbado a minha attitude, até agora simples, em relação á mystificação que é a literatura de cinema. Tenho visto meia duzia de falantes e estou cheio de duvidas. A minha duvida maior consiste em saber como o magnata do cinema irá transportar a sua mystificação para este no

vo campo e dar mais milhões aos que escreverem os dialogos.

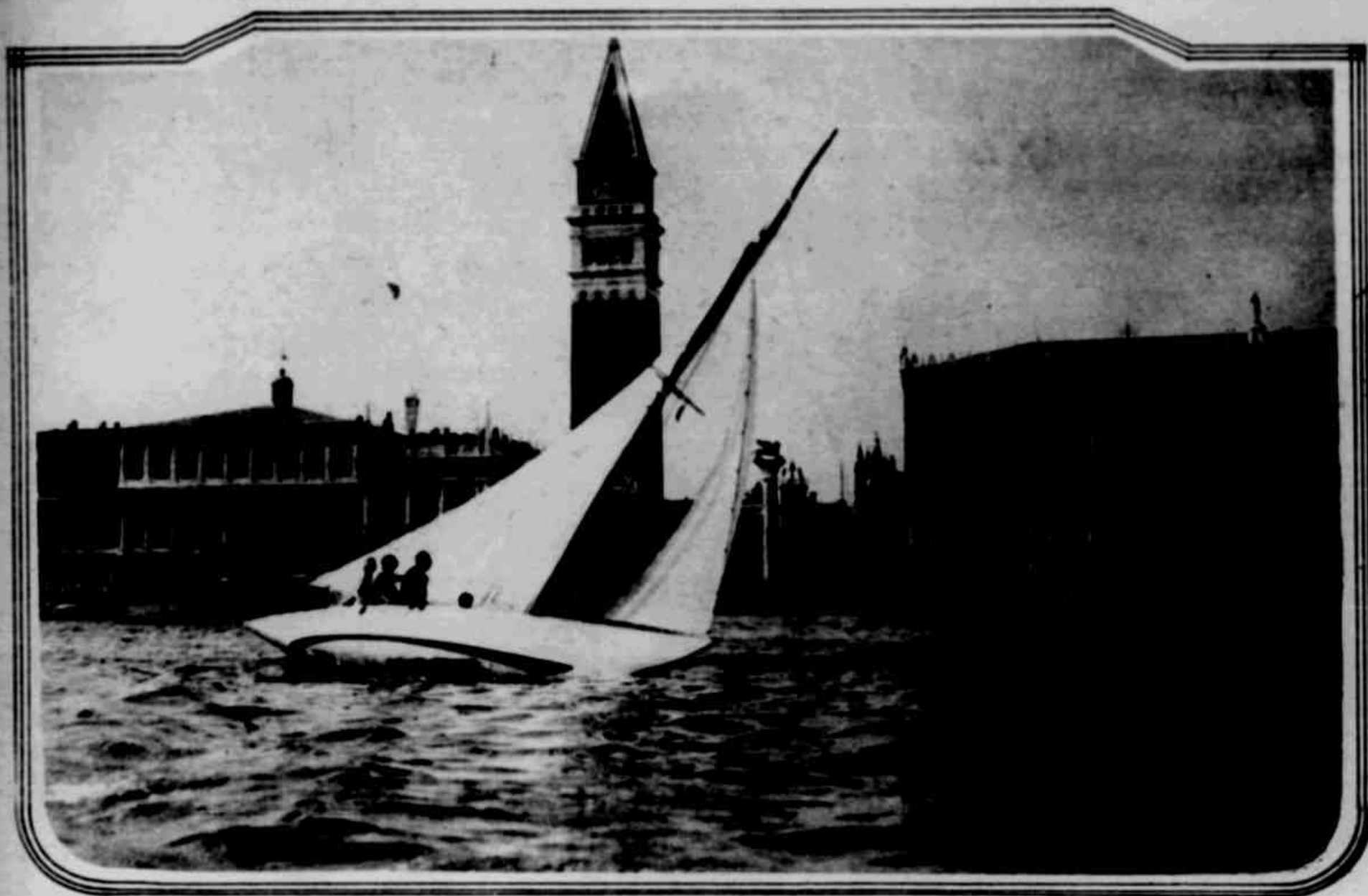
De facto, começo a ver visiumbres de bom senso entre esses magnatas sobre o assumpto. Esses senhores começam a murmurar que qualquer um pode escrever dialogos para cinema. Si elles accrescentassem "qualquer um, excepto um literato", falariam absoluta verdade.

Pagar um literato para inventar as palavras que actores do falante devem dizer, é tão absurdo e disparatado como pagar um Einstein para ser o guarda-livros delles. Entretanto, si esses senhores que gastam tanto ouro para terem a illusão da literatura, preferem agir de modo absurdo, pela minha parte farei o possivel para escrever um film-falante. Este requererá maior esforço do que um scenario, isto é, menor esforço literario; mais esforço para não deixar perceber no trabalho tentativa de creação original. E eu terei, então, de pedir mais, á maneira de Chico Marx que no ultimo: Animal Crackers", custou $50 para tocar fagote e $100 a hora para não tocar.

Será possivel, apesar dessa attitude pouco recommendavel, escrever um film com integridade, procurar crear algo de valor para o cinema? Duvido que haja algum escriptor que possa responder affirmativamente a esta pergunta. Tanto quanto eu possa prognosticar, o tão falado futuro artistico do cinema está nas mãos dos directores e artistas. E estou quasi certo de que chegará o tempo, e breve, em que este mar de rosas creado pelos magnatas do cinema para os escriptores, estará acabado.

Quando os senhores que crearam o cinema com uma machina e um megaphone tiverem bastante confiança em si proprios para se convencerem de que esses e não a penna condescendente de um literato são os seus verdadeiros instrumentos, o cinema começará então a fazer progressos e a ser independente.

BEN HECHT

(Autor de "Erik Dorn" e co-autor de **"The Front Page"**).

E M V E N E Z A

O MAIS BELLO SPORT NO MAIS BELLO RECANTO DO MUNDO

ADELAIDE
PEREIRA
E
NILO
TEIXEIRA
RAPOSO

ENLACES

ADJALDINA
ALVES
PEREIRA
E
MARIO
FONTENELLE

Do Norte, Do Centro, Do Sul

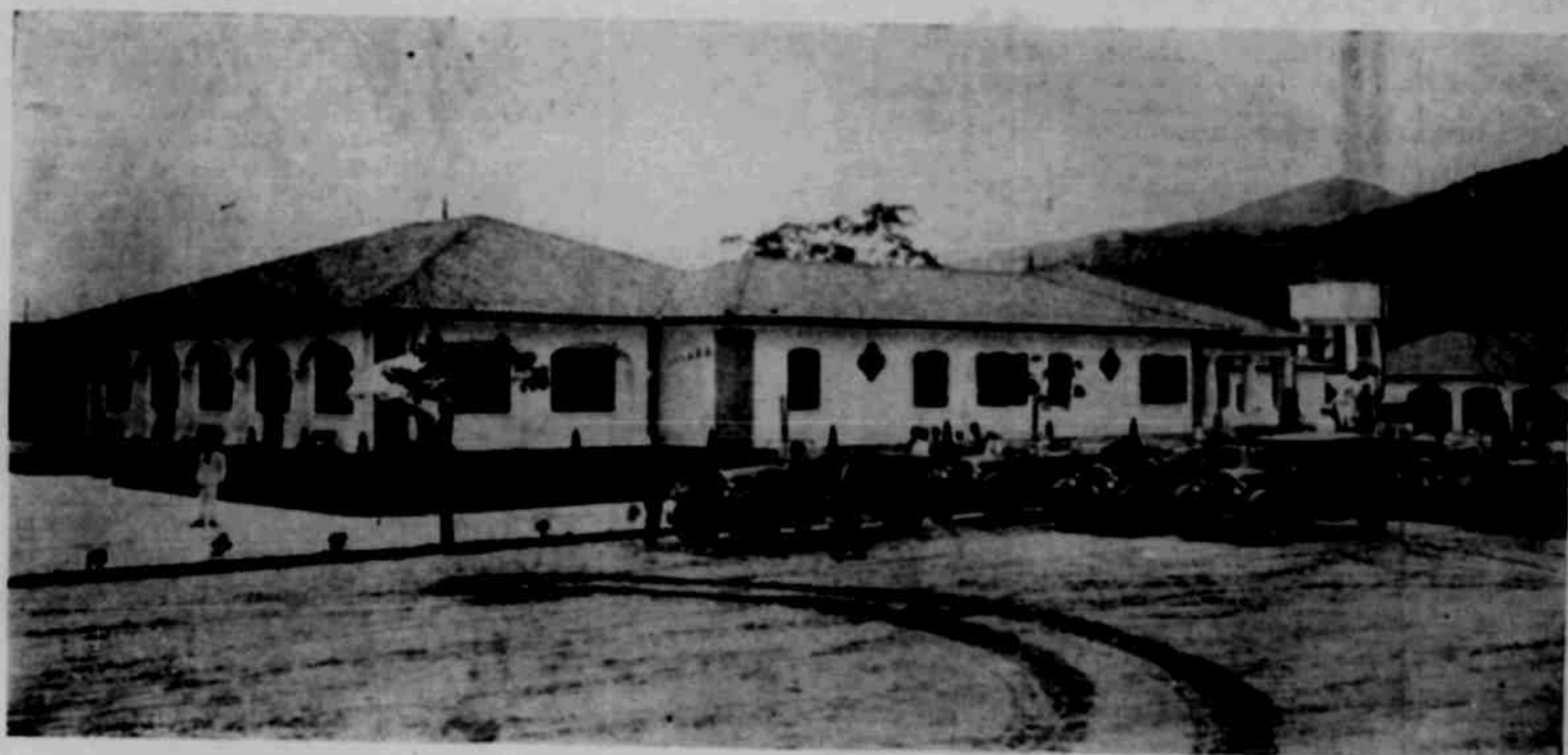
SENHORITA
MARIA NABUCO BORGES
DA
SOCIEDADE DA BAHIA

SENHORITA
DINAH BARRETO
DA
SOCIEDADE DE BAGE'

SENHORA ELVIRA FREITAS, ESPOSA DO TENENTE EDGAR FREITAS, DO 5º BATALHÃO DE ENGENHARIA

SENHORITA SYLVIA GURGEL DO AMARAL.
MISS CUYABA'

SENHORITA ARLETTE PEREIRA

SENHORINHAS MARILIA SILVA E CECY CRUZ, COM O ESCRIPTOR PELOTENSE ZULANTO RIBEIRO.

Os congressistas pan-americanos de estradas de rodagem, que foram hospedes do Rio durante alguns dias, estiveram no Club dos Duzentos, rumo de São Paulo.

NO

CLUB DOS DUZENTOS

EM

FORMOSO

ESTRADA DE RODAGEM

RIO-SÃO PAULO

Distinctas familias do Rio com alguns directores do Automovel Club do Brasil acompanharam os illustres viajantes nessa jornada de alegria e de cordialidade.

Da terra da garôa

Depois da missa

A minha ultima chronica provocou, por parte de um amigo, uma manifestação com a qual ganham de certo muito os leitores do "Para todos...". Helio Silva, intellectual, de uma grande sensibilidade, conta-nos, a proposito do que referi sobre a tradicional Capellinha dos Enforcados, uma historieta simples que confirma a lenda em torno do Senhor do Bomfim. Ahi a têm:

Meu caro Salvador Roberto.

A legenda encantadora da Capellinha dos Enforcados, que V. traçou com uma singeleza que maravilha, e mais ainda, a quem conhece o turbilhão jornalistico de sua vida, toda essa historia illuminada pela via-lactea miraculosa das velas dos pedintes, suscitou em mim uma recordação. E, a V. que emmoldurou com sua chronica o nosso encontro, eu lh'a refiro simples e ingenua como é, e quizera que ainda perfumada do cheiro bom da cabocla bonita que m'a contou, lá na terra propicia da Bahia, onde ella nascera, na velha Calçada do Bomfim, e onde morava ao lado da Sé, na rua dos Saboeiros. Quando eu ouvi essa historia, Octacilia, a cabocla, amamentava o seu primeiro filhinho. No "toilette" pobre de seu quarto, um retrato do pae, em viagem pelo Reconcavo, a fazer negocios. Nos lençóes da cama, na barra das toalhas, em tudo iniciaes entrelaçadas, indicios seguros da fidelidade daquella Penelope mestiça:

— "Ella andava por ahi; nas ruas da Sé, misturando os passos ligeiros de seus dezeseis annos desgraçados no "trottoir" barato do velho bairro sujo, em volta da sacola negra da Igreja colonial. Morava em uma pocilga, como as outras. E foi naquelle céo exaltado do clima tropical que elle a encontrou e a amou, em uma generosidade grandiosa de homem do povo, feito á custa de um proprio esforço e creado á margem dos preconceitos. Reuniram-se. Logo a seguir, ella rareava seus passeios. Dois mezes depois, gravida delle, largou de todo a má vida, metteu-se em casa todo o tempo, viveu com o bocado de dinheiro que elle lhe dava, cuidou-lhe da roupa e prendeu-o ali, na rêde morena e cheirosa de seus braços. Do outro tempo, nem uma reminiscencia. Sua carne moça parecia resurgir de um banho de purificação para a maternidade. Ao contrario, porém, o seu companheiro começou a mudar. Já não ficava em casa todo o tempo livre dos affazeres e entediava-se ou enraivecia-se com as caricias da mulher. Uma tarde, não veiu para o jantar. Ella ficou a noite toda á janella, olhando a rua estreita e tortuosa pintada de branco e preto pelo luar. A cada vulto que passava, seu coração batia mais forte. Pela madrugada chorou. Chorou, ainda, o dia inteiro. E, como elle não apparecesse mais, sahiu á cata de noticias. Não andou muito. Com a celeridade das más novas, alguem deu-lhe o recado que o seu homem não tivera coragem de dizer. Abandonava-a. Soubera que o filho não era delle. Acreditára em uma denuncia infame e a calumnia vencera-o, depois de uma tortura de muito tempo. Só, enxotada outra vez para a desgraça, ella tentou um recurso. Foi lá ao Senhor do Bomfim e implorou a volta do amado. Na igreja deserta chorou todas as suas lagrimas e pediu que Elle désse o pae de seu filho. Se o fizesse, ella tudo lhe promettia... E procurou, em sua imaginação pobre de cabocla a dadiva capaz de compensar a supplica. O que daria... O que daria... E seu desespero dictou-lhe o mais forte holocausto: a vida de seu filho! Sim, daria elle, o amor que ia nascer pelo outro, pelo grande amor que lhe fugia. Voltou para casa mais conformada. Esperou com resignação. Seu pedido foi attendido. Naquella noite elle voltou. Estreitou-a nos braços, sem saber que apertava com crueldade o seu coração. Beijou-a, para matar-lhe o fructo desses mesmos beijos. Deu áquella mãe, o mais horroroso dos supplicios. E ficou ao seu lado, sentinella inconsciente, até o dia em que elle ia nascer. Ella chorava e ria. O soffrimento da maternidade, comparado com a tortura moral do voto abominavel abalava o seu systema nervoso. Porfim, adormeceu. Quando acordou, todos tinham sahido do quarto. Ouvia-lhes mesmo as vozes, na sala juntos, abafados, no cuidado de não a despertar. Ao seu lado, um pequeno volume, o corpinho molle e rosado do recem-nascido. E, ao alto, na parede, illuminado pela lamparina votiva, uma imagem do Senhor do Bomfim. Ella levantou-se. As pernas fracas mal a sustinham. A cabeça andava-lhe a roda e so a movia o pensamento fixo que aquella imagem illuminada commandava. Foi até um movel proximo. Abriu-lhe as gavetas. Remexeu entre roupas, á procura do que pudesse executar seu designio. Porfim, encontrou em uma caixa, um pedaço de fita azul, com letras douradas. Agarrou-a, com soffreguidão e, cambaleando cada vez mais, cingiu com ella o pescoço do filho. Cerrou os olhos e apertou, apertou com toda a força. Desmaiou. Quando voltou a si; estava cercada de pessoas da casa, e o medico tomava-lhe o pulso. Olhou, como louca, o logar ao lado. Mas lá estava, rosado como antes, um corpinho molle de creança. Apenas, em seu pescoço, uma medida do milagroso Senhor do Bomfim; dessas medidas communs de fita, tonalizava-lhe a camizinha branca..."

A cabocla contou-me que por milagre, a fita se rompera em suas mãos e ahi ficára, sobre o pescoço do filho, como um adorno piedoso.

Em Santa Cecilia

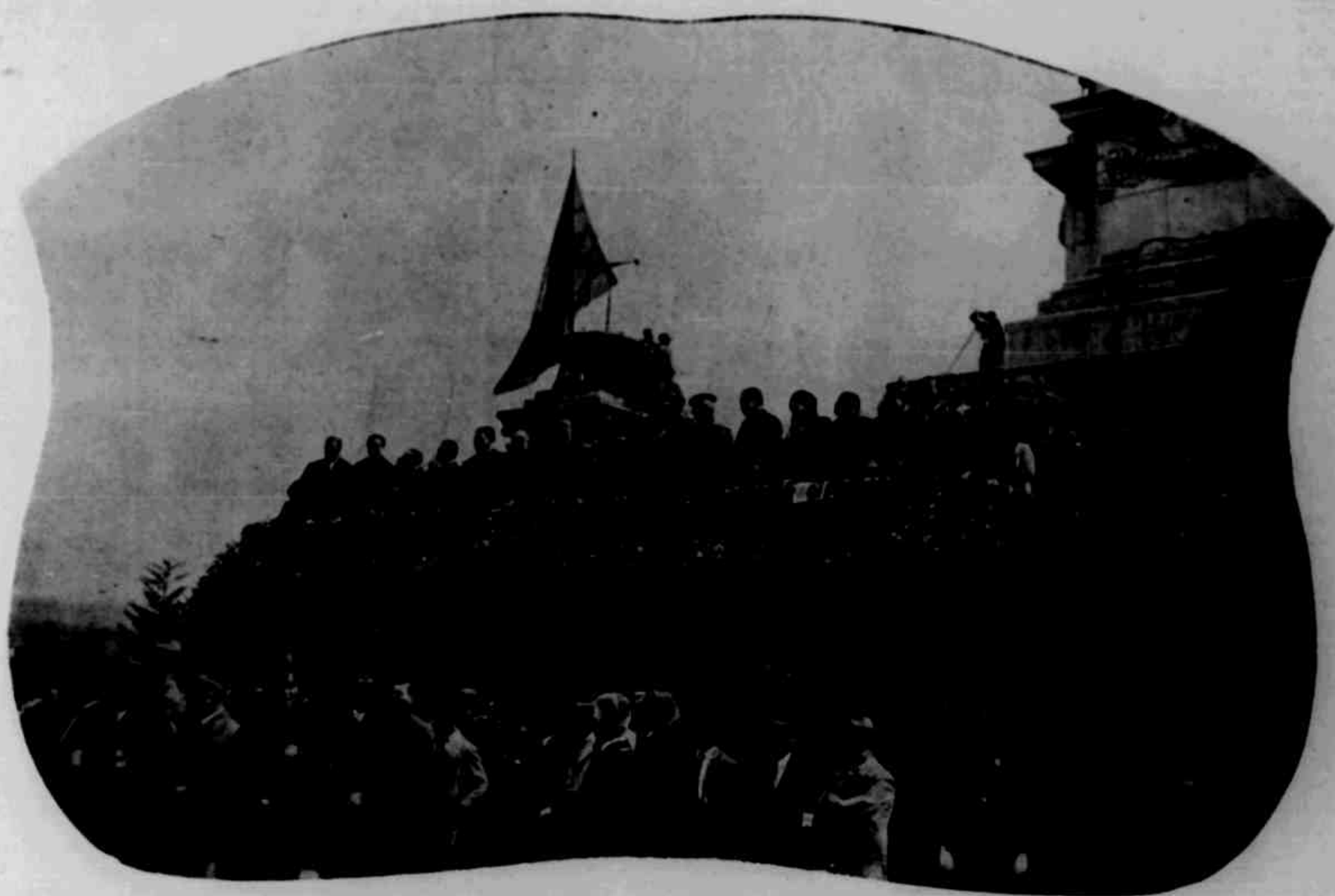
—

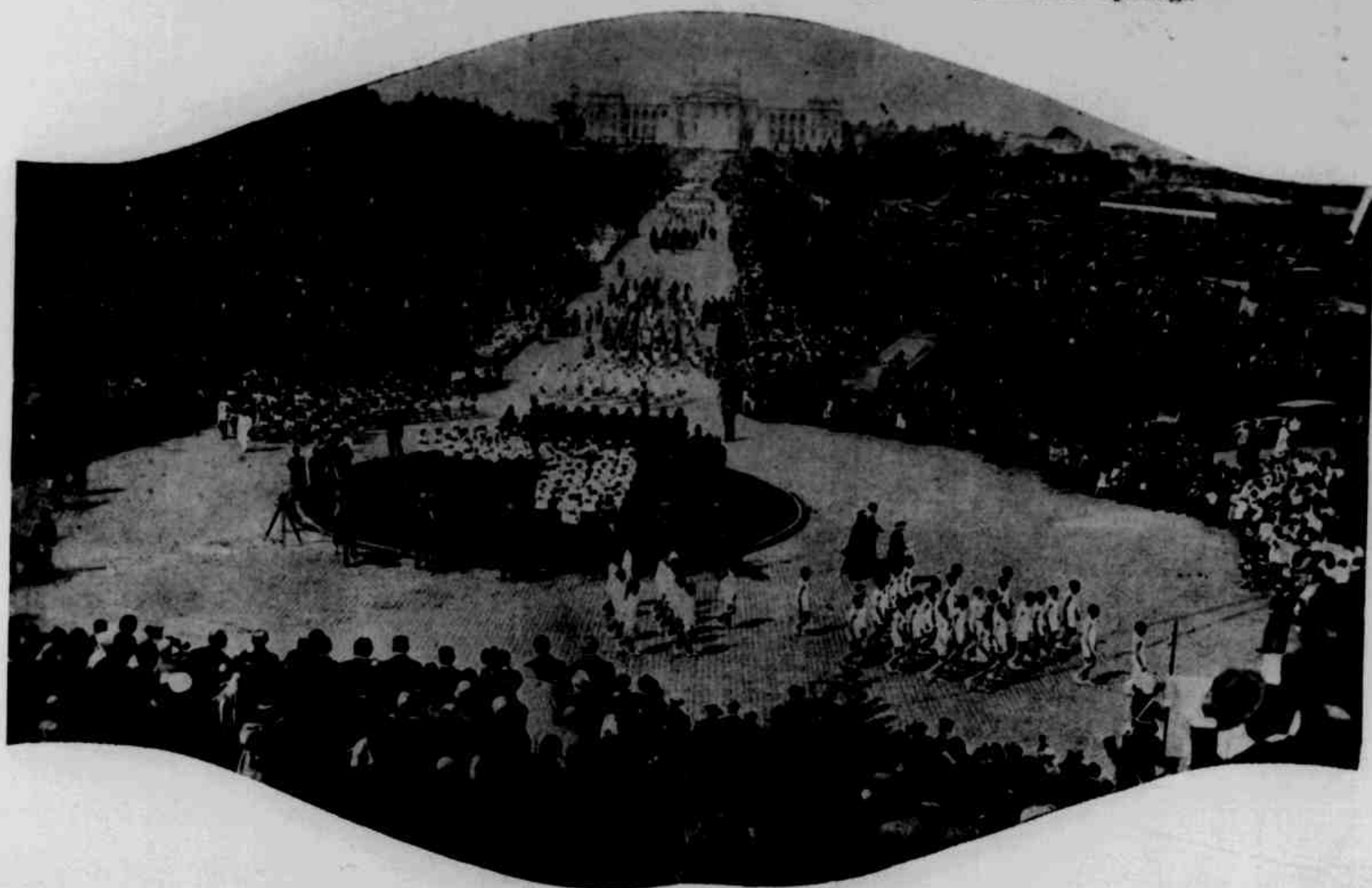
V. talvez sorria. Eu tambem quiz sorrir, pensando na fragilidade natural desse pedaço de fita... Mas pensei, meu caro Salvador Roberto, que o nosso sceptismo de homens cultos talvez seja ainda mais fragil...

Do seu

Helio Silva.

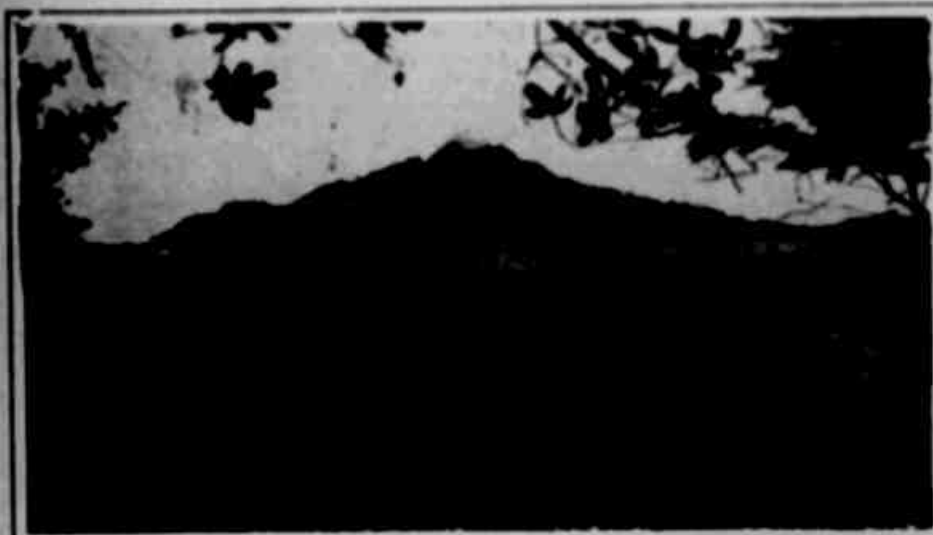
No fundo, o meu velho camarada tem razão. O nosso scepticismo é mais fraco e bem menos resistente do que as proprias lendas. Nós, os "homens cultos"...

SALVADOR ROBERTO

O dia 7 de Setembro em São Paulo

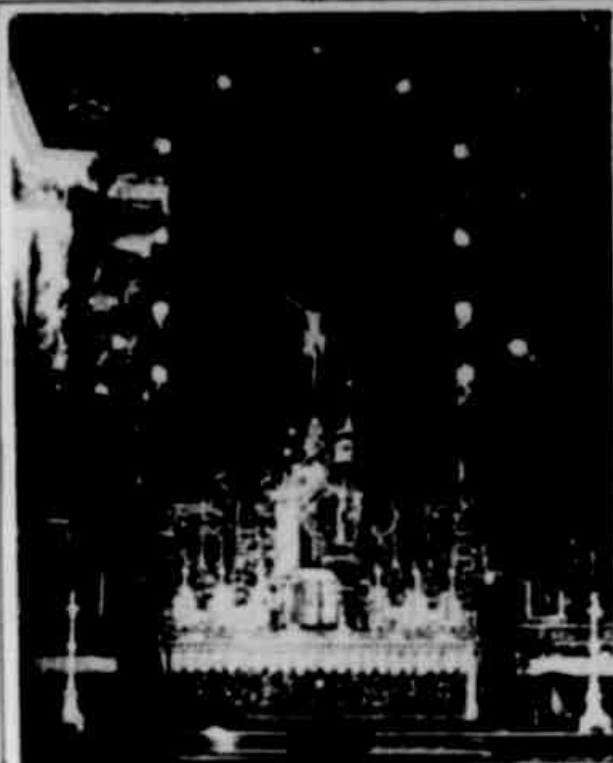
A tribuna official com o Presidente Julio Prestes e um aspecto da parada no Ypiranga

7 DE SETEMBRO EM SÃO PAULO

PARADA ESPORTIVA NO YPIRANGA

Uma fazenda em São Paulo

CHAMA-SE ITAQUERÊ. E' DO SENHOR CARLOS LEONCIO DE MAGALHÃES. A PHOTOGRAPHIA DE CIMA MOSTRA A SALA DE JANTAR, A DE BAIXO O ALPENDRE LATERAL.

CONVENTO
DA PENHA
VICTORIA — ESPIRITO SANTO

"ARGOLAS"
VICTORIA
ESTADO DO ESPIRITO SANTO

IGREJA
DE
SÃO
FRANCISCO
NA
BAHIA

ALTAR
MÓR,
OBRA
PRIMA
DA
ARTE
COLONIAL

CHATA DO CORREIO
MATTO GROSSO

RIO PARANÁ
MATTO GROSSO

VAPOR
"GUAYRA"

RIO
PARANÁ

De Elegancia

22 de Setembro. Que bonito dia! Ha por tudo um sôpro de vida, de mocidade, de belleza. Perpassa uma brisa fresca e perfumada. As mulheres vestem-se de côres alegres e riem num riso de feliz espectativa... E' a primavera que se inaugura. Primavera... e saudade. Você não sabe que hoje é tambem o dia da "saudade"?

— Saudade, minha querida amiga, na primavera? Deixe isso ao outomno. Na primavera não ha passado, tudo é esperança. E a saudade é sempre do que passou.

— Engana-se. Saudade tambem se tem na primavera, quando os sonhos, muitas vezes, são o desejo ardente de que a realidade se repita. E a saudade de uma grande emoção?... Não póde ser na primavera?... Uma emoção...

— ... Primaveril...

— ... Primaveril, mas que já se foi, embora outras venham. Serão outras e não aquella. E' a renovação doce e continuada da saudade. E' a saudade moça, o receio raramente infundado, a terna lembrança do que acaba de passar, o anseio febril do que ha de vir...

— Bravo! Nunca a vi assim. Para que lhe havia de dar! Não a suppunha capaz de tanto enthusiasmo por uma estação que se inicia todos os annos.

—E que se commemora a 22 de Setembro.

— Mas você tambem nunca me disse que apreciava o primeiro dia de calor! — Sim, de calor. Fez muito frio, meu amigo. E eu sou inimiga de andar a bater o queixo. — Mas você teve opportunidade de vestir-se de péles e lans, de enfeitar-se á européa, de sorrir e olhar dentre grandes gólas macias e pequenos chapéos justos á cabeça. Você, bem o sei, gostou de andar assim...

— Mudei. Fiquei tonta com a proximidade da nova estação. Esta engalanou-se toda, floriu-se, arranjou o mais azulado dos céos, o mais dourado dos sóes para nos envolver. E a gente sente-se impregnada não sei de que suave aroma...

— Você perfuma-se melhor, perfuma-se como ninguem.

— Deixe-se disso. A gente gosta de dizer que vive...

— E tambem que ama...

— Embora sinta nessa grande alegria "uma esteira luminosa de tristeza".

— Quer que lhe compre uma saudade?

— Não. Tenho a que me serve. E você? Que adianta você neste dia de festa?

— Não lhe saberia falar, senão do outomno.

— Sabe sim. Porque no outomno é que melhor se deve sentir a saudade da primavera.

— Cada vez mais poesia!?

— Diga como Bilac:

"Ah! quem nos déra que isto, como outr'ora,
Inda nos commovesse! Ah! quem nos déra
Que inda juntos pudessemos agora
Vêr o desabrochar da primavera!

Sahimos com os passaros e a aurora.
E, no chão, sobre os troncos de hera,
Sentavas-te sorrindo, de hora em hora:
"Beijemo-nos! amemo-nos! espera!"

E esse corpo de rosa rescendia,
E aos meus beijos de fogo palpitava,
Alquebrado de amor e de cansaço...

A alma da terra gorgeiava e ria...
Nascia a primavera... E eu te levava,
Primavera de carne, pelo braço!"

Você não ficou lá muito contente.

— Pelo contrario. Recitou bem. Mas esqueceu-se de que é você quem está tecendo hymnos ao nascer da Primavera. E os versos de Bilac não lhe servem. E' verdade que os disse para mim. E para a minha saudade você não me daria hoje um pouco do perfume de que usa?

— Faz-me recordar outro poeta, ou melhor, uma das maiores poetisas uruguayas: Juan de Ibarbourou. Tambem ella escreveu sobre a Primavera...

— Qual o poeta que não o fez ainda?

— ...e falou de perfume.

— Então... conte.

— Um pequeno trecho apenas:

"Que perfumes usas? Y riendo, te dije:
Ninguno, ninguno!
Te amo y soy joven: huelo a primavera.
Este olor que sientes es de carne firme,
De mejillas claras y de sangre nueva.
Te quiero y soy joven, por eso es que tengo
las mismas fragrancias que la primavera!"

— ... "las mismas fragrancias que la primavera!..." Muito bem. E o meu pedido?

— Dou-lhe eu a flor do dia. Favoreço uma instituição de caridade.

Do perfume guarda sómente a lembrança.

— E você?

— Vou pedir á encantadora estação que se não afaste de mim tão cedo; e vou guardar nova saudade.

— Quer um chá na companhia de um amigo que é o Outomno?

— Já me compromettí para um "cocktail"... com a Primavera.

Modelos de Primavera são os figurinos desta pagina. Além dos vestidos, "manteaux" simples que tanto servem para vestidos de passeio como para os de andar na praia.

E agora que os tecidos de uso são os de côres vivas, são os estampados, gazes e crêpes, linhos e sêdas leves, é preciso mais do que nunca exigir farenda de côres firmes. Com o sol mais quente, com a claridade, mesmo com a exudação, é frequente que os vestidos desbotem com muito pouco uso. E o remedio está em que se possa obter cousa garantida, pano de côr fixa e perfeito acabamento. Como conseguir isso?

Os melhores perfumes, finos, cheirando a flores brasileiras são os que A. Dorét fabrica. Pode-se dizer que tal nome eleva a industria nacional.

A. Machado recebeu rendas finissimas.

SORCIÈRE

Clinica Medica de "Para todos..."

INSUFFICIENCIA DAS GLANDULAS SUPRA-RENAES

Quando apresenta um notavel enfraquecimento a funcção das glandulas supra-renaes, apparecem varios symptomas caracteristicos, taes como a asthenia, a hypotensão arterial, a "linha branca de Sergent", etc.

A insufficiencia supra-renal que se verifica em diversas enfermidades, póde ter como origem um morbus sem importancia, — angina passageira, pequena infecção intestinal, etc.

Laper e **Oppenheim** constataram a insufficiencia supra-renal, em soldados, cuja fadiga se tornára consideravel, e outros observadores encontraram-n'a, durante o curso do "mal de Addison", associada ao syndrome solar.

Como a insufficiencia supra-renal surge, sempre, em caracter secundario, na evolução de certas infecções, tornando extremamente sombrio o prognostico, devemos invariavelmente procurar os signaes de semelhante insufficiencia, quando enfrentarmos qualquer especie de infecção.

A insufficiencia funccional das glandulas supra-renaes tambem póde resultar de affecções cardiacas e da nociva actuação de algumas intoxicações.

Um tratamento energico, iniciado opportunamente consegue dominar as perturbações supra-renaes, e esse tratamento é feito pela opotherapia que tem applicação em todos os casos.

Emprega-se a adrenalina ou o extracto total das glandulas super-renaes, sendo a adrenalina preferida para combater as perturbações cardio-vasculares e o extracto total, indicado para os circumstancias em que predominam os phenomenos toxicos.

Não é admissivel injectar a adrenalina, por via endovenosa visto como a sua irrefragavel fixidez inevitavelmente acarretaria a morte do enfermo; assim a applicação da referida substancia far-se-á por ingestão ou por injecção hypodermica.

Escolhida a via gastrica, é necessario empregar diariamente um a cinco milligrammas de chlorhydrato de adrenalina, isto é, um a cinco centimetros cubicos da solução feita a um por mil, utilisando-se o remedio em dóses fraccionadas — meio centimetro cubico, duas a dez vezes, em intervallos iguaes, durante o periodo de vinte e quatro horas.

Em injecções hypodermicas, a solução de adrenalina a um por mil, é ministrada, com a dosagem de meio centimetro cubico a dois centimetros cubicos, diariamente, podendo ser empregado, nas mesmas proporções, o sôro physiologico adrenalinado.

O extracto total das glandulas supra-renaes é usado por via gastrica ou por meio de injecções hypodermicas.

Adoptado o methodo de ingestão, prescreve-se a dóse de vinte a quarenta centigrammas do extracto, — dóse que será empregada diariamente, em fracções de dez ou de vinte centigrammas.

Se o methodo hypodermico tem a primazia, injecta-se diariamente dez centigrammas do extracto total, podendo o medico levar o tratamento, feito por qualquer dos methodos citados, á duração de quinze dias, de um mez e até mesmo de seis semanas, conforme as exigencias do caso clinico entregue aos seus cuidados.

CONSULTORIO

EDNA (S. Gonçalo) — A creança deve usar: urethana 20 centigrammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de alface 80 grammas — tres colheres (das de café) por dia.

S. N. O. (Barra do Pirahy) — Depois de cada refeição principal, tome o "Forxol". Use ainda: paveron 2 centigrammas, extracto alcoolico de meimendro 20 centigrammas, camphora 20 centigrammas — em cinco pilulas, das quaes tomará uma no momento de se recolher ao leito.

N. A. I. R. (Nictheroy) — Basta a creança usar: phosphato de bismutho 1 gramma, xarope diacodio 10 grammas, agua fervida 90 grammas — uma colher (das de chá) de hora em hora. Havendo melhoras, passe a empregar o remedio, de duas em duas horas.

Z. I. Z. I. (São Paulo) — Continue com os exercicios de gymnastica respiratoria e faça moderados passeios a pé, de manhã e á noite. O regimen alimentar deve ser forte: — carnes brancas, de preferencia assadas, peixes, crustaceos, molluscos, ovos, leite, queijos frescos, mingáos, fructos, compotas e vinhos pouco alcoolisados. Além do medicamento indicado, basta usar, por dia, tres comprimidos de extracto da glandula pineal.

F. R. (Bello Horizonte) — Internamente use: bi-iodureto de hydrargyrio 15 centigrammas, iodureto de stroncio 6 grammas, tintura de caroba 4 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas, — uma colher (das de sopa), depois de cada refeição principal. Externamente empregue: oxychlorhydrargyrio 2 grammas, chlorureto de ammonio 6 grammas, agua distillada 100 gram-

mas — em lavagens, nas placas, pela manhã e á noite.

A. G. L. (Jaboticabal) — Seu regimen alimentar deve ser lacteo-vegetar'ano, havendo exclusão absoluta de carne, de quaesquer bebidas alcool'cas e de todos os excitantes. Use: salicylato de theobromina e de lithina 10 grammas — divididas em 10 capsulas, das quaes tomará tres por dia, bebendo em seguida á ingestão de uma capsula um copo dagua de Vichy (Celest'ns).

FLOR DE LYS (Petropol's) — Dê á creança "Staphylasia Iodurada Doyen" — tres colheres (das de sobremesa) por dia. Lave diariamente a ulcera com agua morna iodada e, depois de enxugal-a, applique, em uncções: oxydo de zinco 2 grammas, thigenol 5 grammas, vasel'na esterilisada 5 grammas, glyceroleo de amido 50 grammas.

L. U. I. Z. (Recife) — Use 'nternamente: arrhenal 50 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycer'na 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Sobre as dermatóses applique: europheno 2 grammas, colloido e'astico 10 grammas.

J. B. M. (R'o Claro) — Leite e m'ngáos de araruta ou de sagú devem "exclus'vamente" constituir a alimentação da creança. Dará, após as refeições da manhã e da noite um comprimido de "Lactal", num pouco dagua fria. A creança tomará diariamente um banho morno geral, devendo, durante o dia polvilhar os eczemas, empregando: balsamo do Perú 5 grammas, formestone 20 grammas, talco boricado 25 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO.

SABONETE TABARRA

A Perfumar'a Tabarra, do Sr. Octac'lio Fialho, que tem sua fabrica, em edificio proprio, na rua P.auhy, 93, no Engenho de Dentro, distinguiu-nos com algumas ca xas do seu f nissimo *Sabonete Tabarra*, feito á base de benjoim e cujo perfume é dos mais del c osos.

O *Sabonete Tabarra*, a'ém de um precioso artigo de "toilette", recommenda-se a nda pelas suas qualidades medicinaes, sendo de surprehend ntes resu'tados para os recem-nascidos como para adultos de cutis del cada.

A Saude Publica, approvando-o e licenceando-o sob o n. 2.810, indicou-o para darthros, empingens, bro'oejas, assaduras, etc.

Trata-se, como se vê, de um producto de dup'a vantagem, por ser, a um tempo, artigo de "to'et'e" e medicamento. E foi isto cons'derando que o Instituto Agricola Brasile ro lhe conferiu o Grande Diploma de Honra.

GENTE DE THEATRO

Dyla Brandão e Chaves Filho, que são noivos.

O actor Chaves F lho é um dos nossos comicos mais naturaes e espontaneos. E porque é assim em scena, fóra de scena continúa sem artificios para provocar o riso. No palco elle empresta sua graça ás phrases que os autores escrevem muitas vezes sem graça, e bem admirados ficam da gargalhada que as mesmas arrancam do publico por artes da arte do Chaves Filho.

Ha dias, no terraço do Theatro Republica, onde trabalha a Companhia "Para todos", esperava elle a hora do ensaio conversando com a sua gentil collega Dyla Brandão.

No varandim da parte posterior dos camarotes, o maestro Vivas ensaiava unicamente os córos da velha e sempre afortunada opereta "A Mascote". Talvez mal acostumadas com a musica ligeira dos "tró-ló-lós" modernos, as coristas sentiam difficuldade na d.visão do trecho em ensaios.

O maestro impacientava-se...

— Trabalho inutil aquelle; diz calmamente o Chaves.

— Por que?! — perguntou Dyla admirada, tornando ainda maiores seus grandes olhos pretos.

— Porque com a 'nvenção da victrola bastava um ensaio: o geral. Em vez de papeis "tiravam-se" discos das peças. Os artistas ou coristas os levavam para suas casas, davam corda na victrola, punham-no a girar e punham-se a girar tam'em a ouvir e a decorar... Uma semana depois, na noite do ensaio geral estava tudo sab'do, afinado, certinho...

Dyla achou graça e achou magnifica tambem a idéa, tanto assim, que vae lembral-a ao velho Brandão Sobrinho.

Entretanto, não contavam os dois com a bisbilhot'ce do "Para todos..." que, sentado á uma mesa prox'ma ouv'u a "blague" e apanhou, disfarçadamente, um flagrante photographico dos dois.

Ass'm como O TICO-TICO é a unica revista no genero que encerra todos os requisitos para recrear e educar a creança, o seu Almanach contém, como não podia deixar de ser, um repositorio vasto dos mais uteis ens'namentos. E' elle o brinde cobiçado por todas as creanças. Este anno essa util publ'cação vae exceder, quer na sua conf'cção mater'al, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais be'las h'storias de fadas, os mais lindos brinqu dos de armar, comedias, versos, h'storias, conterá o primoroso ALMANACH D'O TICO-TICO para 1930, a sahir em Dezembro.

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Cuyabá	15 Setembro
Alte. Alexandrino	30 Setembro
Raul Soares	15 Outubro
Bagé	30 Outubro
Ruy Barbosa	15 Novembro
Cantuaria Guimarães	30 Novembro
Cuyabá	15 Dezembro
Alte. Alexandrino	30 Dezembro
Raul Soares	15 Janeiro
Bagé	30 Janeiro
Ruy Barbosa	15 Fevereiro
Cantuaria Guimarães	28 Fevereiro
Cuyabá	15 Março
Alte. Alexandrino	30 Março

NORTE

LINHA RIO—BELÉM

Pedro I	13 Setembro
Manáos	20 Setembro
João Alfredo	27 Setembro
Pará	4 Outubro
Cte. Ripper	11 Outubro
Pedro I	18 Outubro
Manáos	25 Outubro
Pará	1 Novembro
João Alfredo	8 Novembro
Cte. Ripper	15 Novembro
Pedro I	22 Novembro
Manáos	29 Novembro

LINHA MANÁOS—MONTEVIDÉO

Baependy	25 Setembro
Campos Salles	10 Outubro
Affonso Penna	25 Outubro

LINHA MANÁOS—BUENOS AIRES

Rodrigues Alves	10 Novembro
Duque de Caxias	20 Novembro
Baependy	30 Novembro

LINHA RIO—RECIFE

Cte. Vasconcellos	30 Setembro
Cte. Vasconcellos	30 Outubro
Cte. Vasconcellos	30 Novembro

SUL

LINHA RIO—PORTO ALEGRE

Cte. Alcidio	12 Setembro
Cte. Ripper	19 Setembro
Cte. Alvim	26 Setembro
Cte. Alcidio	3 Outubro
Cte. Capella	10 Outubro
Cte. Alvim	17 Outubro
Cte. Alcidio	24 Outubro
Cte. Capella	31 Outubro
Cte. Alvim	7 Novembro
Cte. Alcidio	14 Novembro
Cte. Capella	21 Novembro
Cte. Alvim	28 Novembro

LINHA MANÁOS—MONTEVIDÉO

Campos Salles	11 Setembro
Affonso Penna	26 Setembro
Rodrigues Alves	11 Outubro
Duque de Caxias	26 Outubro

LINHA MANÁOS—BUENOS AIRES

Baependy	3 Novembro
Alte. Jaceguay	13 Novembro
Campos Salles	23 Novembro

LINHA RIO—LAGUNA

Asp. Nascimento	15 Setembro
Asp. Nascimento	30 Setembro
Asp. Nascimento	15 Outubro
Asp. Nascimento	30 Outubro
Asp. Nascimento	15 Novembro
Asp. Nascimento	30 Novembro

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma "O MALHO" mudaram-se para a TRAVESSA DO OUVIDOR, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empresa, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

UM RESTAURANTE "CHIC"

Installado á rua Senador Dantas, 26 a 30, acaba de se inaugurar um bello e confortavel restaurante, de propriedade do Sr. Francisco Silva, que, não poupando esforços, dotou a nossa capital com uma casa verdadeiramente agradavel no seu conjuncto.

O acto inaugural, que se revestiu de solemnidade, teve logar, no sabbado, 15, comparecendo muitos convidados, que tomaram parte num grande banquete que lhes foi offerecido. Assim ficou desde esse dia a cidade com mais um estabelecimento que se denomina Restaurante "Turist".

A INAUGURAÇÃO DO LUXUOSO RESTAURANT "TOURIST" Á RUA SENADOR DANTAS, 26 a 30 - Tel. C. 2783

SR. FRANCISCO COSTA DA SILVA,

Proprietario do confortavel restaurant "Tourist".

O reverendo lançando a benção, tendo a seu lado o Sr. Francisco da Costa Silva, sua exma. esposa, senhoritas e demais convidados.

Após o acto inaugural foi servido aos convidados um lauto banquete, trocando-se ao "toast" varios brindes de saudação ao Sr. Francisco Silva, pela iniciativa de dotar a nossa cidade com um estabelecimento modelar.

Esmalte - Creme -
Agua de Colonia
Gaby
Agua de Colonia Gaby
Creme Gaby
Premiado no estrangeiro,
Rio e S. Paulo.
REALART

DE LITERATURA

Dois livros

PAN SEM FRAUTA — Henrique Pongetti:

E necessario medirem-se as palavras quando se escreve sobre Henrique Pongetti. A maneira pela qual elle desenha as cousas procurando phrases novas, mostrando uma mocidade forte e exhuberante, não temendo a velhice, deve ser incommoda e imprestavel — todo o velho vocabulario deve não ter muito valor para elle.

Por isso, ao nos aproximarmos delle, devemos ser alegres, cheios de vida, e, principalmente, nunca dizer um logar commum. Um logar commum dito perto desse novo Pan será recebido com uma vaia estrepitosa.

Elle deseja que se mostre o lenço com o ultimo perfume que Paris descobriu, citar a phrase mais paradoxal do mais moderno dos escriptores italianos, lhe falar desembaraçadamente do choque cinematographico entre Berlim e Hollywood, contar a ultima piada de Bernardo Shaw, dissetar sobre moda como se vivesse namorando os desenhos voluptuosos ou malucos de Poiret e Lelong, emfim: mostrar que somos moços e que sabemos todas as novidades que as agencias telegraphicas despejam pelo mundo e que vivemos o nosso momento.

Dentro de suas citações modernas de tudo quanto ha de novidade, quanta cousa velha elle cita!

Tinha que ser assim. Ninguem foge ao atavismo. **Pongetti** estará sempre gritando em suas paginas quanto elle tem de peninsular, quanto elle veiu dum povo essencialmente classico.

Henrique Pongetti dentro da belleza moderna da phrase wildeana, vae sempre dar um passeio a Athenas ou a Roma...

Pongetti, que tem arrojo em demolir os que vivem eternamente chorando por uma "Dama das Camelias", mostra de vez em quando uma pagina cheia de "literatura". Em suas paginas, se apparece a vida, tambem inventa uma "literatura". Mas não é a literatura que outros fizeram, é "algo nuevo", scintillante. Elle nos põe os scenarios pelos oculos que devem ter a fórma dum prisma para dar tanto o colorido bonito no que elle inventa...

TERRA FLUMINENSE — Escragnolle Doria.

Sobre Escragnolle Doria só posso escrever uma pequena nota ou um livro. As annotações que tenho de toda a sua bibliographia que vem de 1890 em todos os ramos literarios e dum eterno e tão singular trabalhador só comporta, no momento, um rapido registro da publicação do seu ultimo livro. Sei que basta essa pequena nota sobre seu livro para termos delle uma zanga, dado a sua modestia. Elle não permitte que se fale delle, nem tão pouco de suas paginas. Mas o livro está nas montras das livrarias. Qualquer um póde ler e criticar... Principalmente criticar, por ser uma arte facilima...

Escragnolle Doria é um estylo que se adaptou á Historia como já se havia adaptado ao poema, ao conto, ao Theatro, ou ao romance.

O grande escriptor é aquelle que aborda todos os estylos.

A sua subtileza que esflora tanto a vasta erudição vem satisfazer as exigencias dos proprios "dilettanti" literarios. Mesmo dentro do plano exigido pela obra, o escriptor que todas as semanas, como todos os mezes, da uma pontualidade digna de nota, paginas sempre com vivacidade, cor-local, erudição sobre uma viagem do Imperador Pedro II, ora sobre Caxias, para depois falar dos melancolicos tilburys ou lembrar a Bolivia historica ou geographicamente ou ainda escrever pagina memoravel sobre Duse e Feijó, ou alguma estação do anno e notar com sabor de estylista a cidade de Guaxupé ou São José da Borba do Campo...

O Homem que tem horror á tão brasileira palmadinha de bajulação, como foge de todas as objectivas photographicas ou do borborinho da Rua do Ouvidor, vive num sonho onde procura em tudo a solidão para melhor meditação.

Ninguem adora mais o silencio e a solidão.

Quando encontramos em suas paginas tratando de alguma figura os qualificativos de "notavel", "grande", "honesto" ou "admiravel", o que sempre é cousa rarissima, é porque sabemos com toda a infallivel mathematica que o adjectivo não só se adapta ao retratado como tambem já está morto.

E sabendo-se de sua norma em procurar falar só de mortos para fugir mais depressa não só dos vivos como a alguma suspeita, o qualificativo tem o valor intrinseco. Portanto, a nota sobre o livro do Homem-Impar está dada. Sem adjectivos para não entrarmos na sua lista negra...

SEBASTIÃO FERNANDES.

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial; a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pittoresca e autorisada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.

GUTIERREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.

EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.

MACACO — Jornal das creanças, contos infantis, pintura.

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.

MODAS Y PASSATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78

TECIDOS MODERNOS

PARA DECORAÇÕES

VELLUDOS, PELUCIAS, GOBELINS, DAMASCOS, MADRÁS, CRETONES, ETC.

UMA SERIE IMMENSA DE QUALIDADES, CORES E DESENHOS EXCLUSIVOS DO NOSSO INCOMPARAVEL SORTIMENTO.

Tapetes e Cortinas

IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS MELHORES FABRICANTES EUROPEUS

VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

PREMIADA HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Officinas Graphicas d'O MALHO